

Versão 3.0



Manual de Metodologia

Guia para a padronização de Trabalhos Acadêmicos

FACULDADE DEHONIANA

MANUAL DE METODOLOGIA

Guia para a padronização de Trabalhos Acadêmicos

VERSÃO 3.0

Taubaté — 2026

SUMÁRIO

sumário	3
PORTARIA DE APROVAÇÃO	6
APRESENTAÇÃO	7
CAPÍTULO I – FORMATAÇÃO GERAL PARA TRABALHOS ACADÊMICOS	6
1.1 Estrutura e organização.....	6
1.2 Diretrizes gerais para diagramação.....	8
CAPÍTULO II – DIRETRIZES PARA CONFECCÃO DE TCC	9
2.1 Formatação da Capa	13
2.2 Formatação da Folha de Rosto	15
2.3 Formatação da Dedicatória, Agradecimentos e Epígrafe	17
2.4 Formatação do Resumo e Abstract.....	21
RESUMO	22
ABSTRACT	23
2.5 Formatação de Listas de Siglas e Abreviaturas.....	24
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	25
2.6 Formatação de Sumário	26
SUMÁRIO	27
2.7 Formatação de Introdução e Conclusão.....	28
introdução	29
CONCLUSÃO	30
2.8 Formatação dos níveis de tópico (Capítulos e Seções).....	31
CAPÍTULO I – A TEOLOGIA NEGATIVA	32
1.1 A origem filosófica da Teologia Negativa.....	32
2.9 Formatação de Referências.....	34
Referências	35
2.10 Formatação de Apêndice e Anexo.....	36
Apêndice I – Separação Igreja-Estado: raiz e trajetória de uma ruptura negativa	37
CAPÍTULO III – DIRETRIZES PARA CONFECCÃO DE ARTIGO CIENTÍFICO.....	38

3.1 Dimensão	38
3.2 Título	38
3.3 Apresentação do autor	38
3.4 Resumo e abstract	38
3.5 Seções	39
3.6 Siglas e abreviaturas	39
3.7 Referências	39
3.8 Paginação	39
DA NOÇÃO DE SIGNO IDEOLÓGICO EM VALENTÍN VOLÓCHHINOV	40
Introdução: Uma Filosofia da Linguagem Marxista.....	40
CAPÍTULO IV – DIRETRIZES PARA CONFEÇÃO DE TRABALHO DE DISCIPLINA.....	41
4.1 Cabeçalho	41
4.2 Título e subtítulo.....	41
4.3 Corpo textual	42
4.4 Siglas e abreviaturas	42
Avaliação Parcial I – questionário	43
CAPÍTULO V – NORMAS PARA CITAÇÕES E REFERÊNCIAS.....	44
5.1 Citação direta ou literal.....	44
5.2 Paráfrase ou citação indireta	44
5.3 Apud	45
5.4 Referências	46
CAPÍTULO VI – RECURSOS INDICATIVOS E SINAIS GRÁFICOS	69
6.1 Informações complementares obrigatórias nas referências	69
6.2. Informações complementares obrigatórias nas notas de rodapé.....	69
6.3. Informações complementares facultativas nas referências.....	70
6.4. Recursos de substituição: <i>idem</i> , <i>ibidem</i> e <i>opus citatum</i>	70
6.5. Indicação de supressão de texto, de adição de texto e de erros gráficos	71
6.6 Informações sobre tradução	73
6.7 Sinais Gráficos.....	74
CAPÍTULO VII – ABREVIACÕES E SIGLAS	75
7.1 Abreviaturas.....	75

7.2 Siglas próprias ao estudo de Teologia	76
ANEXO I – O QUE É UM TEXTO AUTORAL?	90

PORTARIA DE APROVAÇÃO



FACULDADE DEHONIANA

Credenciada pela Portaria MEC 2.358/2001
Recredenciada pela Portaria MEC 2.133/2019

Portaria nº 01 de 02 de fevereiro de 2026

O Diretor Geral da Faculdade Dehoniana, no uso de suas atribuições, conforme previsto no Regimento desta Instituição, Art. 29, incisos IX e XXVII, após aprovação do CONSUP,

RESOLVE:

Art. 1º Instituir o novo *Manual de Metodologia Científica – Versão 3.0* da Faculdade Dehoniana.

§ 1º O presente Manual constitui documento orgânico, passível de atualização sempre que surgirem demandas necessárias, ressalvando-se que tais atualizações não terão caráter estrutural-substancial, limitando-se a ajustes textuais e atualização de links.

§ 2º As atualizações serão aprovadas no âmbito da Vice-Direção Acadêmica.

§ 3º A cada atualização, o documento receberá nomenclatura correspondente à versão mais recente publicada, devendo esta ser expressamente divulgada a toda a comunidade acadêmica.

§ 4º A divulgação mencionada no § 3º ocorrerá por meio dos seguintes canais institucionais: e-mail marketing, site oficial e Ambiente Virtual de Aprendizagem (Moodle).

Art. 2º O Manual supracitado orienta, organiza, regulamenta e padroniza todos os trabalhos e pesquisas acadêmicas produzidos no âmbito desta comunidade acadêmica.

Art. 3º O referido Manual estará disponível em versão digital on-line na homepage da Faculdade Dehoniana (<https://dehoniana.edu.br/secretaria/manual-metodologia/>) e no Ambiente Virtual de Aprendizagem (Moodle).

Art. 4º Esta Portaria entra em vigor na data de sua assinatura, produzindo efeitos a partir de 09 de fevereiro de 2026.

Taubaté, 02 de fevereiro de 2026.

Prof. Pe. Marcelo Batalioto

Diretor Geral

APRESENTAÇÃO

Apresento a nova versão do *Manual de Metodologia Científica da Faculdade Dehoniana*, que foi aprimorado a partir das demandas concretas observadas desde o lançamento de sua primeira edição. Ao professor Marcelo Henrique e, por meio dele, às tantas outras pessoas envolvidas, registro o merecido reconhecimento pelo acompanhamento constante da aplicação do *Manual* nas produções acadêmicas de nossa Faculdade.

O objetivo é orientar metodologicamente a elaboração de trabalhos e pesquisas na Faculdade Dehoniana. Um elevado nível foi alcançado e tanto o conteúdo quanto a didática do *Manual* revelam-se extremamente relevantes. Um instrumento desta natureza é, por definição, dinâmico, vivo e interativo. Assim, sempre que necessário, novos anexos poderão ser incorporados ao Manual. Foi criado o e-mail institucional metodologia.manual@dehoniana.online com a finalidade de receber sugestões, correções, dúvidas e propostas de atualização.

Este é o *Manual* que orienta todos os trabalhos acadêmicos produzidos na Faculdade Dehoniana. Por isso, não é desejável, nem mesmo permitido, o uso de metodologias paralelas. De modo geral, o material apresentado atualiza as orientações da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Muitas das opções metodológicas assumidas não divergem substancialmente das práticas que já vinham sendo adotadas na Dehoniana. Houve, por parte dos redatores, a sensibilidade de inovar segundo as exigências do tempo presente, mantendo, ao mesmo tempo, uma perspectiva de continuidade, em respeito à trajetória histórica da Instituição.

Fica registrado o apelo à comunidade acadêmica para que estude esta nova versão do *Manual* e o coloque efetivamente em prática na elaboração de seus trabalhos e pesquisas.

Taubaté, 06 de fevereiro de 2026.

Prof. Pe. Marcelo Batalioto

CAPÍTULO I – FORMATAÇÃO GERAL PARA TRABALHOS ACADÊMICOS

1.1 Estrutura e organização

Os Trabalhos Acadêmicos possuem uma forma de organização própria, dividida em:

- a) elementos pré-textuais;
- b) elementos textuais;
- c) elementos pós-textuais.

Os passos próprios de cada um desses três elementos auxiliarão o leitor a percorrer o roteiro construído pelo estudante na sua monografia e EM outros trabalhos.

O estudante deve saber que o texto por ele confeccionado será lido por diversos leitores que precisarão da objetividade desses elementos para compreensão do que foi pesquisado.

Vale lembrar que o processo de pesquisa, mesmo metódico, é uma abertura constante de possibilidades de reflexão e de escrita. A pesquisa pode ter limites estabelecidos, mas não tem um ponto de chegada definitivo: está sempre se descobrindo novas perguntas e novas respostas. Por sua vez, o processo de escrita acadêmica exige uma delimitação temática e um rigor lógico no texto, que não são espontâneos ou naturalmente decorrentes da pesquisa, mas exigem conhecimento das ideias (geralmente adquirido por leituras), um empenho do pensamento (reflexão, organização das ideias) e um esforço de comunicação bem feito (redação, revisão, reescrita).

No quadro que segue, demonstramos aquilo que é específico de cada tipo de trabalho acadêmico: monografia (TCC), artigos científicos e trabalhos de disciplina.

Elemento estrutural		Trabalho de Conclusão de Curso	Artigo científico	Trabalho de Disciplina
Elementos textuais pré-	Capa	Obrigatório	<i>Não se aplica</i>	<i>Não se aplica</i>
	Folha de rosto	Obrigatório	<i>Não se aplica</i>	<i>Não se aplica</i>
	Folha de Aprovação	Acrescentada pela Secretaria Acadêmica quando da entrega do texto definitivo	<i>Não se aplica</i>	<i>Não se aplica</i>
	Dedicatória	Opcional	<i>Não se aplica</i>	<i>Não se aplica</i>
	Agradecimento	Opcional	<i>Não se aplica</i>	<i>Não se aplica</i>
	Epígrafe	Opcional	Opcional	Opcional
	Resumo em língua vernácula	Obrigatório	Obrigatório	<i>Não se aplica</i>
	Resumo em língua estrangeira	Obrigatório	Obrigatório	<i>Não se aplica</i>
	Lista de Siglas e Abreviaturas Lista de ilustrações Lista de tabelas e quadros	Obrigatório caso tenha sido usado siglas, abreviaturas ou alguns dos elementos citados ao lado nos elementos textuais	<i>Não se aplica</i>	Obrigatório caso tenha sido usado siglas ou abreviaturas nos elementos textuais
	Sumário	Obrigatório	<i>Não se aplica</i>	Opcional
Elementos textuais	Introdução	Obrigatório	Obrigatório	Obrigatório ¹
	Capítulo ²	Obrigatório	Obrigatório	Obrigatório
	Conclusão	Obrigatório	Obrigatório	Obrigatório
Elementos textuais pós-	Referências	Obrigatório	Obrigatório	Obrigatório
	Anexo (s) Apêndice (s) Glossário Índice	Opcional	<i>Não se aplica</i>	Opcional

¹ Obrigatório enquanto estrutura implícita do conteúdo no texto, mas nem sempre como subtópicos explícitos.

² A ABNT 14.724 fala de seção, e não de capítulo. Entretanto, o termo “capítulo” adquiriu certo consenso na pesquisa filosófica e teológica. Além disso, consideramos o termo mais objetivo do que seção primária (termo indicado pela referida norma).

1.2 Diretrizes gerais para diagramação

- Lauda: branca (folha A4).
- Impressão: frente (se o professor permitir, poderá imprimir frente e verso e, nesse caso, é necessário espelhar as margens no arquivo a ser impresso).
- Margens: superior (3cm), inferior (2cm), esquerda (3cm) e direita (2cm).
 - No TCC, as margens superiores das primeiras páginas da **Introdução**, dos **Capítulos**, da **Conclusão**, da **Referência**, do **Apêndice** e do **Anexo**, são de 5cm na parte superior.
- Marca de parágrafo: recuo de 1,5 cm.
- Fontes:
 - Para o corpo do texto: Arial 11 ou Times New Roman 12.
 - Para as citações diretas (com mais de 3 linhas): Arial 10 ou Times New Roman 11.
 - Para as notas de rodapé: Arial 09 ou Times New Roman 10.
- Espaçamento entre linhas:
 - No corpo do texto: 1,5, sem uso dos recursos de ‘Espaçamento antes do parágrafo’ e ‘Espaçamento depois do parágrafo’.
 - Na citação direta (a partir de 4 linhas): simples (1,0). Antes e após a citação, dar um espaçamento simples, também.
 - Nas notas de rodapé: simples (1,0).
- Paginação: lado direito, canto superior da página, negrito, Times New Roman 10 ou Arial 9. A paginação começa a ser contada a partir da primeira página impressa, porém, o número só aparecerá a partir da segunda página. Nas primeiras páginas contendo o título do Capítulo, não se coloca o número de página.

CAPÍTULO II – DIRETRIZES PARA CONFEÇÃO DE TCC

Neste segundo capítulo serão apresentadas as normas para elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso, o TCC.

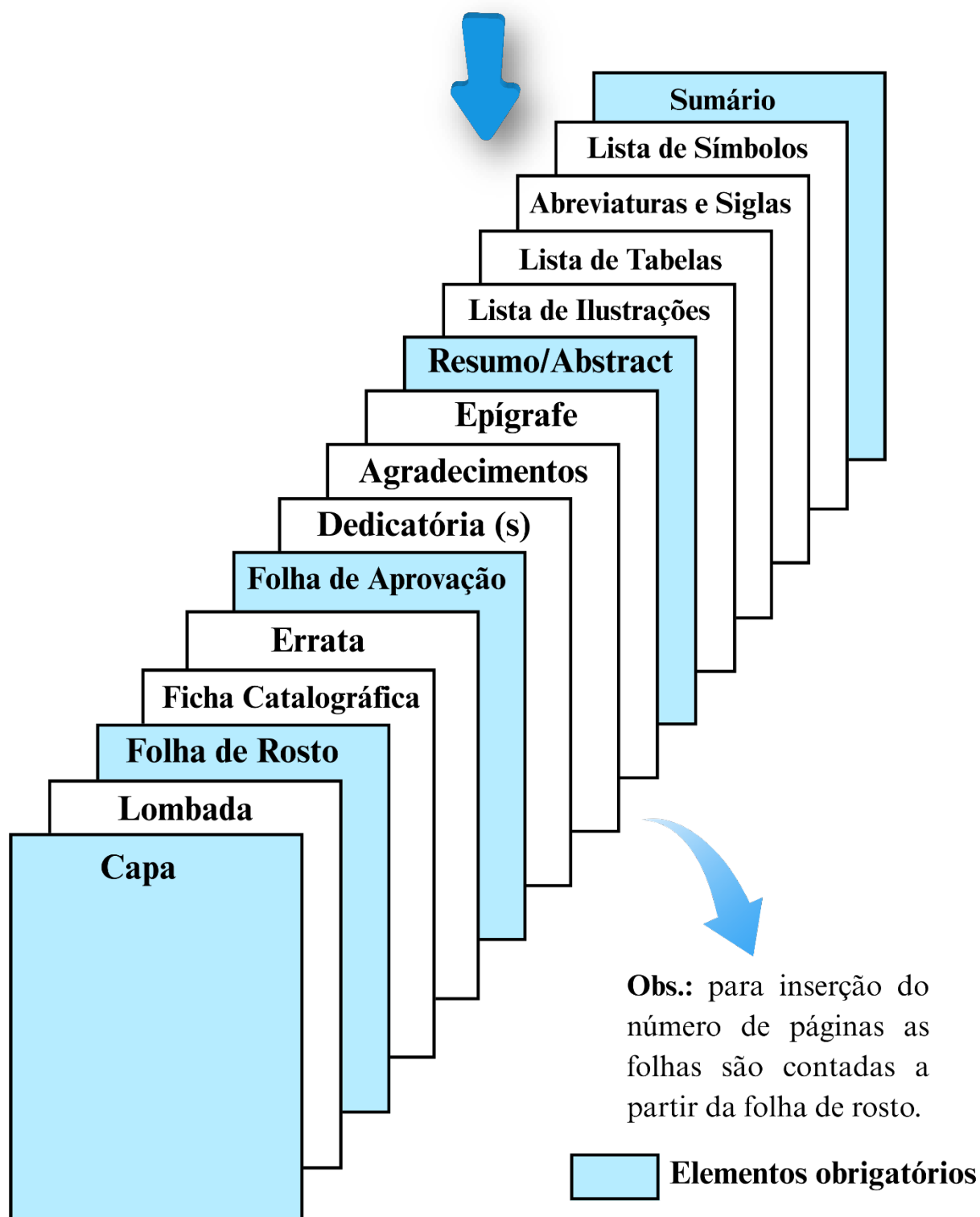
O TCC, devido à sua natureza, é a pesquisa que mais cobra rigor científico e metodológico por parte do aluno. Outros gêneros acadêmicos (artigo científico, trabalho de conclusão de disciplina, resenha, projeto de pesquisa, etc.) têm no padrão do TCC o seu padrão genérico. As especificidades de cada um são mostradas no quadro do capítulo 1 e ao longo deste manual.

Um TCC, na Faculdade Dehoniana, possui em média entre 40 e 70 páginas de elementos textuais. No entanto, quantidades menores ou maiores poderão ser definidas com o orientador da pesquisa.

A seguir, através de imagens, apresentamos a formatação da estrutura deste trabalho.

Imagem 1 — Elementos de um TCC

Elementos Pré-Textuais



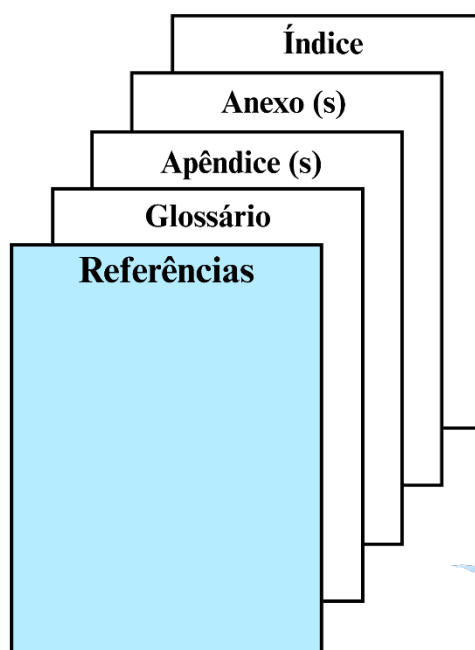
Elementos Textuais



Obs.: para inserção do número de páginas as folhas são contadas a partir da folha de rosto.

 Elementos obrigatórios

Elementos Pós-Textuais



Obs.: para inserção do número de páginas as folhas são contadas a partir da folha de rosto.

 Elementos obrigatórios

2.1 Formatação da Capa

- Espaçamento simples.
- Fonte Times New Roman 16 (Arial 15):
 - Faculdade Dehoniana
 - Curso
 - Título
- Fonte Times New Roman 14 (Arial 13):
 - Monografia
 - Subtítulo
 - Aluno
 - Orientador
 - Taubaté – ano
- O padrão para os *enters* é sempre Times New Roman 14 (ou Arial 13) e espaçamento simples. À medida que o título ou outros elementos forem maiores do que o exemplo, deve-se diminuir a quantidade dos *enters* a fim de conservar a diagramação aproximada.

FACULDADE DEHONIANA
TEOLOGIA

Monografia

PNEUMATOLOGIA E APOFATISMO
O Espírito Santo na Teologia Negativa

Aluno: Wellington Giovanne Santos
Orientador: Me. Pe. Lucas Luís Matheus de Mello

Taubaté – 2024

2.2 Formatação da Folha de Rosto

- Espaçamento simples.
- Fonte Times New Roman 16 (Arial 15):
 - Faculdade Dehoniana
 - Curso
 - Título
- Fonte Times New Roman 14 (Arial 13):
 - Monografia
 - Subtítulo
 - Monografia apresentada... (adicionar recuo de 8 cm)
 - Aluno
 - Orientador
 - Taubaté – ano
- O padrão para os *enters* é sempre Times New Roman 14 (ou Arial 13) e espaçamento simples. À medida que o título ou outros elementos forem maiores do que o exemplo, deve-se diminuir a quantidade dos *enters* a fim de conservar a diagramação aproximada.

FACULDADE DEHONIANA TEOLOGIA

Monografia

PNEUMATOLOGIA E APOFATISMO O Espírito Santo na Teologia Negativa

Monografia apresentada à Faculdade Dehoniana como exigência para obtenção do título de Bacharel em Teologia.

Aluno: Wellington Giovanne Santos
Orientador: Me. Pe. Lucas Luís Matheus de Mello

Taubaté – 2024

2.3 Formatação da Dedicatória, Agradecimentos e Epígrafe

- Espaçamento 1,5; justificado.
- Fonte Times New Roman 12 (Arial 11).
- Recuo de 8cm.
- Escrever a partir da última linha.
- Epígrafe em itálico.

Dedico esta monografia aos meus pais, Carmen Lúcia Santos e José Elmar dos Santos; às minhas irmãs, Gleice Kelly e Gleyciane Cristina; ao estimado amigo e companheiro Pe. Felipe de Nossa Senhora das Dores, CP, que muito me apoiou durante sua elaboração e no tempo de minha formação no seminário diocesano; e ao Divino Espírito Santo, santificador do gênero humano, do qual toda luz procede e ilumina a razão humana.

P
P
P
P
P
P
P
P
P
P
P
P
P
P
P
P
P
P
P
P
P

Agradeço à minha família, aos meus amigos e irmãos de caminhada e formação, ao Conselho de Formadores, nas pessoas dos reitores Pe. Marcelo Henrique de Souza e Pe. Gustavo Sampaio, à Diocese de Taubaté, à Faculdade Dehoniana, ao meu orientador, MSc. Lucas Luís Matheus de Mello, bem como aos meus colegas de turma Adriano e Renan, e aos colegas de classe Luis Filipe e Pedro Bernardes pela amizade e companheirismo nestes anos de estudo acadêmico, e ao querido amigo Jean Carvalho, Ir. Redentorista, por ter me apresentado a Escola de Espiritualidade Hesicasta. Agradeço imensamente a Deus, por tantos momentos de felicidade com o qual me cumulou, e por me permitir adentrar um pouco mais afundo no conhecimento sobre o seu Divino Espírito, buscando deixar que Ele seja o guia de minha vocação.

*Sem a luz que acode,
nada o homem pode,
nenhum bem há nele.*

 **Faculdade Dehoniana** dehoniana.edu.br

2.4 Formatação do Resumo e Abstract

- Margem da primeira página: 5cm na parte superior.
- **“RESUMO” e “ABSTRACT”:**
 - Negrito; Caixa alta; centralizado.
 - Fonte Times New Roman 14 (Arial 13).
 - Espaçamento entre linhas simples, e espaçamento de 2 linhas depois.
- Texto:
 - Fonte Times New Roman 12 (Arial 11).
 - Espaçamento 1,5; justificado.
- **“PALAVRAS-CHAVE” e “KEYWORDS”:**
 - Negrito; Caixa Alta.
 - Fonte Times New Roman 12 (Arial 11).
 - Palavras-chave separadas por ponto e vírgula.
 - Máximo de 5 palavras-chave.

RESUMO

Atualmente muito se tem pesquisado pelo tema da mística, nas religiões do mundo e nas diferentes escolas de espiritualidade do cristianismo, o que leva as pessoas a terem uma maior intimidade com o divino, e o contato com antigas tradições. Por esta razão, o presente trabalho analisa como se dá a relação entre a mística da Teologia Negativa cristã com os estudos da Pneumatologia, tentando demonstrar a relação do Espírito Santo com esta tradição que remonta a Patrística. Para isso, caminharemos pelas veredas da Teologia Negativa, apontando sua gênese e desenvolvimento, passando depois pelos estudos pneumatológicos do ocidente e do oriente, culminando em como se manifesta na Igreja a unidade entre a espiritualidade do silêncio/recolhimento e a ação do Espírito, por meio do Hesicasmo, centro da espiritualidade ortodoxa.

PALAVRAS-CHAVE: Pneumatologia; Teologia Negativa; Espírito Santo; Hesicasmo; Silêncio.

ABSTRACT

Currently, much research has been done on the topic of mysticism, in world religions and in the different schools of spirituality in Christianity, which leads people to have greater intimacy with the divine, and contact with ancient traditions. For this reason, this work analyzes how the relationship between the mysticism of Christian Negative Theology and the studies of Pneumatology occurs, trying to demonstrate the relationship between the Holy Spirit and this tradition that dates back to Patristics. To this end, we will walk along the paths of Negative Theology, pointing out its genesis and development, then passing through pneumatological studies of the West and East, culminating in how the unity between the spirituality of silence/recollection and the action of the Spirit manifests itself in the Church, through Hesychasm, the center of orthodox spirituality.

KEYWORDS: Pneumatology; Negative Theology; Holy Spirit; Hesychasm; Silence.

2.5 Formatação de Listas de Siglas e Abreviaturas

- Margem da primeira página: 5cm na parte superior.
- **“LISTAS DE SIGLAS E ABREVIATURAS”:**
 - Negrito; Caixa alta; centralizado.
 - Fonte Times New Roman 14 (Arial 13).
 - Espaçamento entre linhas simples, e espaçamento de 2 linhas depois.
- Texto:
 - Fonte Times New Roman 12 (Arial 11).
 - Espaçamento 1,5; justificado.
 - **Sigla e/ou abreviatura** em negrito
 - Descrição da sigla e/ou abreviatura: sem negrito.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

1Cor — Primeira Carta aos Coríntios

2Sm — Segundo livro de Samuel

a.C. — antes de Cristo

cap(s). — capítulo(s)

cf. — confira

coord. — coordenador

d.C. — depois de Cristo

DN — Dos Nomes Divinos (Pseudo-Dionísio Areopagita)

DS — Denzinger, Heinrich. Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral

DV — Carta Encíclica “Dominum et Vivificantem”, do Papa João Paulo II

FASBAM — Faculdade São Basílio Magno

FUV — Faculdade Unida de Vitória

LXX — Tradução da Bíblia judaica pelos Setenta (chamada também de Septuaginta)

MC — Carta Encíclica “Mystici Corporis”, do Papa Pio XII

[...]

2.6 Formatação de Sumário

- Gerar sumário automático do word, e depois formatar.
- Margem da primeira página: 5cm na parte superior.
- **“SUMÁRIO”:**
 - Negrito; Caixa alta; centralizado.
 - Fonte Times New Roman 14 (Arial 13).
 - Espaçamento entre linhas simples, e espaçamento de 2 linhas depois.
- Texto:
 - Fonte Times New Roman 12 (Arial 11).
 - Espaçamento 1,5; alinhado à esquerda, sem recuo.
 - **NÍVEL DE TÓPICO 1** (Introdução; Capítulos; Conclusão; Referências; etc.): negrito; Caixa Alta.
 - Nível de Tópico 2 (Seções dos Capítulos, 1.1, 1.2 etc.): normal, sem marcadores ou símbolos, apenas o número da seção.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – A TEOLOGIA NEGATIVA.....	14
1.1 A origem filosófica da Teologia Negativa.....	14
1.2 Pseudo-Dionísio Areopagita e a Teologia Negativa: uma tradição teológica.....	22
CAPÍTULO II – O ESPÍRITO SANTO.....	30
2.1 Nas Sagradas Escrituras.....	31
2.2 Na fé da Igreja: das origens até Constantinopla.....	41
2.3 Na fé da Igreja: de Constantinopla aos nossos dias.....	50
CAPÍTULO III – O ESPÍRITO SANTO NA TEOLOGIA NEGATIVA.....	62
3.1 A Pneumatologia oriental.....	63
3.2 Hesicasmo: uma possibilidade de união entre a Teologia Negativa e a Pneumatologia.....	70
CONCLUSÃO.....	80
REFERÊNCIA.....	84

2.7 Formatação de Introdução e Conclusão

- Margem da primeira página: 5cm na parte superior.
- **“INTRODUÇÃO” e “CONCLUSÃO”:**
 - Negrito; Caixa alta; centralizado.
 - Fonte Times New Roman 14 (Arial 13).
 - Espaçamento entre linhas simples, e espaçamento de 2 linhas depois.
- Texto:
 - Fonte Times New Roman 12 (Arial 11).
 - Espaçamento 1,5; justificado.
 - Recuo de 1,5 cm na primeira linha.

INTRODUÇÃO

O tema da mística tem ganhado destaque no período atual, o que tem levado as pessoas a retomar a leitura dos “místicos” presentes nas diversas tradições religiosas³. Tal procura parece responder a uma grande frustração experienciada também dentro das grandes religiões do mundo, como o cristianismo, decorrente da percepção que o meramente ritual ou, inclusive, racional, não é meio suficiente de acesso ao Transcendente.

O presente trabalho pretende abordar uma das tradições mais antigas do cristianismo, a Teologia Negativa, que influenciou tantos místicos cristãos, seja do Ocidente, seja do Oriente para focar aí a ação do Espírito Santo, Terceira Pessoa da Trindade. Buscou-se, assim, contemplar sua ação na Igreja, em base à tradição negativa, e apresentar como essa ação pode se tornar um grande meio de encontro com o Transcendente nos tempos atuais.

Neste horizonte de busca pelo contato com o Transcendente, muitos cristãos têm-se enveredado por métodos de oração orientais, sejam elas budistas, taoistas ou outras. Então, a teologia negativa, que poderia ser desenvolvida de forma mais ampla caminhando para diversas direções, se torna relevante na medida em que se procura apresentar brevemente uma forma de oração cristã, que pode ser sugerida como um meio de suprir essa busca, levando os cristãos para mais próximos de Deus, necessidade de buscar fora de sua religião os meios para isso.

A relevância desta monografia se mostra também no Ano da Oração, celebrado em 2024 em toda a Igreja, a pedido do Papa Francisco, como uma forma de preparação ao grande Jubileu Ordinário de 2025, que tem como tema *Peregrinos de Esperança*. Em sua carta de 11 de fevereiro de 2022 à sua Ex. Rev.ma D. Rino Fisichella, para encarregar da preparação do Jubileu o Dicastério para a Evangelização, escreve o Sumo Pontífice: “Desde já, apraz-me pensar que o ano que precede o evento jubilar, 2024, possa ser dedicado a uma grande ‘sinfonia’ de oração. Antes de mais, para recuperar o desejo de estar na presença do Senhor, de o escutar e de o adorar”. A partir disto, buscamos fazer ressoar, de forma simples e serena, um pouco desta sinfonia. [...]

³ OLIVEIRA, Victor Hugo Pereira de. *Um Caminho entre a Literatura e a Espiritualidade: As Ressonâncias do Hesicismo nos Relatos de um Peregrino Russo* (online). 2018. p. 52.

CONCLUSÃO

Para concluirmos esta monografia, é favorável retomar a inspiração que levou à sua composição, de forma a compreendê-la em seu sentido de existir. Podemos afirmar que todo tipo de texto traz em sua gênese e essência as marcas de seu autor que derrama sobre as palavras os seus sentimentos, especialmente aqueles que lhe são mais fortes durante a sua produção literária. Uma monografia não é diferente. Naturalmente se procura um tema que é palatável para aquilo que o seu escritor quer demonstrar, ou pretende buscar viver.

Ao falar da Teologia Negativa, surge no coração deste autor o ardor de uma chama acesa ainda no tempo do curso da Filosofia quando, estudando as obras do Pseudo-Dionísio Areopagita para um trabalho de História da Filosofia Medieval, se percebeu um caminho de espiritualidade que se envolvia no recolhimento e silêncio da alma. Esta ação saltou aos olhos deste então aluno de Filosofia, por causa de moções interiores que buscavam, e ainda buscam, o silêncio na oração, talvez movido por seu temperamento mais melancólico.

Foi por esse “apaixonar-se” pela via negativa, que os autores chamaram de uma via mística dentro da espiritualidade cristã, que se deu origem a monografia filosófica sobre o tema do apofatismo, um modo de já preparar o caminho para está atual monografia que, no curso de Teologia, busca aprofundar a mística desta via, agora olhando para Aquele que a alimenta, o Espírito Santo. É claro que até mesmo esta demarcação específica, utilizada nesta monografia, a relação do Espírito Santo com a Teologia Negativa, tem as suas razões de ser.

De fato, o autor, que ora escreve, teve contato com as cartas da então Beata Helena Guerra, considerada pela Igreja como a Apóstola do Espírito Santo, isso enquanto fazia parte da Renovação Carismática Católica (RCC), e com os documentos promulgados pelo Papa Leão XIII, sobre o Espírito Santo. A partir disso, a crescente necessidade de se falar da Terceira Pessoa da Trindade, bem como buscar referir-se a Ela nas orações, foi se expandindo, se dilatando. Por esta necessidade é que surge o presente texto. [...]

2.8 Formatação dos níveis de tópico (Capítulos e Seções)

- Margem da primeira página: 5cm na parte superior.
- **Tópico 1: “CAPÍTULO I – TÍTULO DO CAPÍTULO”**
 - Negrito; Caixa alta; centralizado.
 - Fonte Times New Roman 14 (Arial 13).
 - Espaçamento entre linhas simples, e espaçamento de 2 linhas depois.
- *Epígrafe* (se houver):
 - Fonte Times New Roman 11 (Arial 10).
 - Alinhado à direita.
 - Recuo de 8 cm.
 - Itálico.
 - Referência simplificada: apenas autor e obra.
- Texto:
 - Fonte Times New Roman 12 (Arial 11).
 - Espaçamento 1,5; justificado.
 - Recuo de 1,5 cm na primeira linha.
- **Tópico 2: “1.1 Título da Seção”**
 - Negrito; alinhado à esquerda.
 - Fonte Times New Roman 12 (Arial 11).
 - Espaçamento entre linhas simples, e espaçamento de 2 linhas antes e 2 linhas depois.
- Tópico 3: “1.1.1 Título da Subseção”
 - Normal; alinhado à esquerda.
 - Fonte Times New Roman 12 (Arial 11).
 - Espaçamento entre linhas simples, e espaçamento de 2 linhas antes e 2 linhas depois.
- Rodapés:
 - Comando Ctrl + Alt + F.
 - Fonte Times New Roman 10 (Arial 9).
 - Espaçamento entre linhas simples; justificado.

CAPÍTULO I – A TEOLOGIA NEGATIVA

*“Ó tu, acima de tudo. De que outro modo é justo cantar-te?
Como devo louvar-te a ti que és superior a tudo?
Como pode a palavra exaltar-te? Tu, com efeito,
não é compreensível por nenhum pensamento”.*

(Proclo: Hino a Deus)

Dentro da tradição cristã emergem duas possibilidades de se apresentar o conhecimento sobre Deus: em um primeiro momento temos a via conhecida como catafática, que procura apontar aquilo que Deus é, chegando ao seu conhecimento. Nesta via é que se situa toda a revelação realizada por Cristo, que veio ao mundo para nos apresentar as verdadeiras feições do Pai. A segunda é a via conhecida como apofática, na qual se encontra as realidades místicas. Nesta via se chega ao conhecimento de Deus por meio do discurso da negação, daquilo que Deus não é, para se alcançar o conhecimento daquilo que Ele realmente é. Por meio dessa via é que Cicero Cunha Bezerra demarca a *kénosis* divina realizada pelo Verbo Eterno em seu processo de Encarnação, a partir do sentido de renúncia dado ao termo pelo Apóstolo Paulo⁴.

1.1 A origem filosófica da Teologia Negativa

Desde o primeiro momento em que o homem começou a se perguntar o porquê das coisas, iniciou-se uma busca por compreender suas origens, bem como a de tudo o que lhe cerca. Assim, dentro destes questionamentos deu-se início o processo de união com aquilo que é transcendente, encontrando nesta realidade um fundamento para seus questionamentos mais profundos.

Todas as religiões antigas se sustentam na pergunta sobre como o mundo foi criado, podemos notar isso nos mitos egípcios, nórdicos, gregos, indígenas, etc. Todos trazem dados daqueles povos que apresentam um caminho para a criação do universo. Nessa esteira é que

⁴ BEZERRA, Cicero Cunha. *Dionísio, Pseudo-Areopagita: Mística e Neoplatonismo*. 2009. p. 132-133. A partir daqui, esta obra será denominada pela letra A.

podemos compreender que até mesmo o povo judeu traz uma narração sobre as origens do universo e a apresenta no Pentateuco⁵.

Dentro do pensamento grego, em seu processo de evolução racional, buscou-se a *arché* de todas as coisas, o princípio fundante que estrutura todo o universo⁶. Neste percurso surge um filósofo conhecido como Parmênides, que coloca a *arché* como sendo o próprio Ser⁷. Dentro de seu discurso sobre este Ser, dá-se o início de toda a filosofia que chega até os nossos dias. Em seu poema, conhecido como *Da Natureza*, tão famoso e caro para a tradição filosófica, o filósofo lança as raízes da filosofia e de uma tradição específica, que acompanhará toda a filosofia em paralelo com o enunciar do Ser: a tradição apofática. Está, juntamente com o discurso sobre o Ser, são como as duas faces da mesma moeda.

Dentro de seu famoso poema, Parmênides inicia a discussão apofática ao apresentar o Ser por meio de termos e orações negativas. Bernardo G. dos Santos Lins Brandão enumera estes termos em seu artigo. São eles: “não criado, não destrutível, não agitado, não abalável, sem fim, nem é divisível, pois é todo igual / nem algo do mais, o que lhe impediria de ser coeso / nem menos”⁸. Todos estes termos se encontram presentes no fragmento 8 do poema citado acima. Para Marcus Reis Pinheiro, o conceito principal apresentado e que pode reunir em si todos os demais conceitos negativos é o termo “não outro”, por mais que este não apareça explicitamente no poema. Ele é um termo muito precioso para a doutrina neoplatônica, pois se apresenta como uma forma negativa de se falar daquilo que é positivo⁹. O mesmo autor apresenta que o termo ἀνάρχον — sem início —, utilizado por Parmênides, quer demonstrar uma concepção do Ser que se torna superior a concepção jônica de *arché*¹⁰. [...]

⁵ Gn 1-3.

⁶ ἀρχή assume significados diferentes para cada filósofo. O termo foi apresentado primeiramente por Anaximandro, contudo, é Aristóteles quem apresenta as definições que se consagrarão dentro da doutrina filosófica. Cf. ABBAGNANO, Nicolas. “Princípio”. In ABBAGNANO, Nicolas. *Dicionário de Filosofia*. 2020. p. 928-929.

⁷ Parmênides nasceu em Eléia, na segunda metade do séc. VI a.C., e teria morrido em meados do séc. V a.C. Ele foi o fundador da escola Eleática, e se tornou um pensador revolucionário, dando início ao discurso metafísico e ontológico sobre o Ser. Cf. REALE, Giovanni. “Os Eleatas e a descoberta do ser”. In REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia: Filosofia pagã antiga*. 2003. p. 32.

⁸ BRANDÃO, Bernardo G. dos Santos Lins. “A tradição do discurso apofático na filosofia grega”. In *Hypnos (online)* 18 (2007). p. 90.

⁹ PINHEIRO, Marcus Reis. “O Uno em Parmênides e em Plotino”. In PINHEIRO, Marcus Reis; FILHO, Celso Martins Azar (orgs.). *Neoplatonismo, mística e linguagem*. 2013. p. 78-79.

¹⁰ *Ibidem*. p. 79.

2.9 Formatação de Referências

- Margem da primeira página: 5cm na parte superior.
- **“REFERÊNCIAS”:**
 - Negrito; Caixa alta; centralizado.
 - Fonte Times New Roman 14 (Arial 13).
 - Espaçamento entre linhas simples, e espaçamento de 2 linhas depois.
- Referências mesmas:
 - Fonte Times New Roman 12 (Arial 11).
 - Espaçamento entre linhas simples; espaçamento de 1 linha depois; justificado.
 - Recuo de 0 cm.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica I: parte I, questões 1-43*. São Paulo: Ed. Loyola. 2001.
- BAL, Gabriela. *Silêncio e Contemplação: uma introdução a Plotino*. São Paulo: Paulus. 2007.
- BEIERWALTES, Werner. *Platonismo nel Cristianesimo*. Milão: Vita e Pensiero. 2000. Tradução de Mauro Falcioni.
- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Porto Alegre: L&PM. 2019.
- BERKENBROCK, Volney J. *O Espírito Santo Deus-em-nós: uma Pneumatologia experiencial*. Petrópolis: Vozes. 2021 (Iniciação à Teologia).
- BEZERRA, Cicero Cunha. “O aspecto iniciático da poesia: Proclo e o comentário à República de Platão”. In *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião (online)* 2 (2016). Juiz de Fora. p. 171-181. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/22012>>. Acesso em: 06 de outubro de 2023.
- BEZERRA, Cicero Cunha. *Dionísio Pseudo-Areopagita: mística e neoplatonismo*. São Paulo: Paulus. 2009. (Coleção Filosofia).
- BÍBLIA de Jerusalém*. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus. 2002.
- FRANCISCO. *Carta do Papa Francisco ao Arcebispo Rino Fisichella pelo Jubileu 2025 (online)*. Roma. 2022. s.p. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2022/documents/20220211-fisichella-giubileo2025.pdf>>. Acesso em: 20 de maio de 2024.
- JOÃO PAULO II. *Carta encíclica “Dominum et Vivificantem” do Santo Padre João Paulo II sobre o Espírito Santo na vida da Igreja e do Mundo*. Roma. 1986. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_18051986_dominum-et-vivificantem.html>. Acesso em: 20 de janeiro de 2024.
- PIO XII. *Carta encíclica “Mystici Corporis” do Santo Padre Pio XII sobre o Corpo Místico de Jesus Cristo e nossa união nele com Cristo*. Roma. 1943. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_29061943_mystici-corporis-christi.html>. Acesso em: 05 de novembro de 2023.

2.10 Formatação de Apêndice e Anexo

- Margem da primeira página: 5cm na parte superior.
- **“APÊNDICE I – Título do Texto” e “ANEXO I – Título do Texto”:**
 - Negrito; Caixa alta; centralizado.
 - Fonte Times New Roman 14 (Arial 13).
 - Espaçamento entre linhas simples, e espaçamento de 2 linhas depois.
- **Texto:**
 - Fonte Times New Roman 12 (Arial 11).
 - Espaçamento 1,5; justificado.
 - Recuo de 1,5 cm na primeira linha.
- **Anexos:**
 - Ao final do título, inserir um rodapé com o nome do autor e uma breve biografia. Cf. anexo deste manual.

APÊNDICE I – SEPARAÇÃO IGREJA-ESTADO: RAIZ E TRAJETÓRIA DE UMA RUPTURA NEGATIVA

A disseminação da religião-cultura cristã remonta ao reconhecimento do Cristianismo por Constantino e sua oficialização por Teodósio, respectivamente em 313 e 390, e aos processos de expansão do Império Romano. A relação entre esses dois fatores será determinante para o quadro cultural geral do Ocidente. Enquanto a filosofia é essencialmente greco-romana, a religião mítica dos antigos vai sendo, aos poucos, substituída (e mesmo assimilada) pela vertente judaico-cristã. É no bojo da difusão cultural-filosófica que o Evangelho se vai disseminando entre os mais inusitados povos e culturas.

As conquistas romanas na Grécia e no Oriente não constituíram obstáculo ao Helenismo. Ao contrário: “A cada uma das vitórias militares de Roma corresponde, em sentido inverso, uma vitória cultural do Helenismo”. (GIORDANI, 1983, p.322)

Ao lado da Helenização, a *Romanização* desempenhou também papel importante na difusão do Evangelho. A unificação política, que se estendeu desde o litoral mediterrâneo até regiões distantes, facilitou, sobremaneira, a difusão Cristã. As estradas através das quais se locomoviam as legiões, garantias da <<*pax romana*>>, possibilitaram também o acesso dos arautos do Evangelho além mesmo dos confins do Império. (*Ibidem*, p.324, grifo do autor)

Um exemplo bastante incisivo e marcante dessa interpenetração entre cristianismo e helenismo é o uso, de ambos os lados, do conceito *Logos*. Como se sabe, para a filosofia grega antiga o *Logos* era o problema por excelência a ser resolvido. Seja em sua interpretação como “faculdade racional”, ou enquanto “Razão mesma das coisas”, substância do universo. Foi a partir dessa última noção que os filósofos judeus e cristãos criaram uma ponte com o pensamento helênico. E é nesse sentido que os Padres da Igreja tomavam o cristianismo com a verdadeira filosofia: ele dava conta do problema do *Logos*; o *Logos* era o Verbo, que em Cristo se faz carne. O evangelho de João começa falando desse *Logos*, que habitou entre nós e no qual a existência toma sentido. [...]

CAPÍTULO III – DIRETRIZES PARA CONFEÇÃO DE ARTIGO CIENTÍFICO

3.1 Dimensão

Um artigo científico possui um número menor de páginas do que uma monografia. A quantidade estimada é definida por quem o solicita, seja o professor em sala, seja o edital de uma revista científica.

3.2 Título

O título e o subtítulo de um artigo científico seguem as mesmas diretrizes do título e do subtítulo de um capítulo de TCC.

3.3 Apresentação do autor

O nome do autor é colocado logo abaixo do título e subtítulo. Uma nota de rodapé explicativa deve apresentar seu perfil acadêmico.

Ainda quanto à autoria do texto, o professor orientador pode ser citado como coautor do texto.

3.4 Resumo e abstract

O resumo e abstract se encontram logo abaixo da apresentação do autor, de acordo com as mesmas diretrizes apresentadas na elaboração do TCC, com as seguintes diferenças: Fonte Times 11 ou Arial 10; espaçamento simples.

3.5 Seções

O artigo não possui sumário ou capítulos. Utilizam-se “seções”, que são semelhantes aos recursos de nível de um TCC.

3.6 Siglas e abreviaturas

Não existe uma seção para siglas e abreviaturas. Por isso, quando elas são empregadas devem ser explicadas nas notas de rodapé, como no exemplo abaixo:

FRANCISCO. *Constituição Apostólica “Veritatis Gaudium” sobre as Universidades e Faculdades Eclesiásticas*. 2018. n. 6 (a partir daqui: VG).

3.7 Referências

Logo após a conclusão do artigo, as referências são apresentadas. Não é necessária uma nova página só para isso, pois todo o artigo se encontra na mesma sequência, sem quebra de páginas.

3.8 Paginação

Assim como no TCC, a numeração de página começa a ser contada desde a primeira página do artigo, contudo, apenas surge a partir da segunda página. A seguir, apresentamos um exemplo de artigo e sua formatação.

DA NOÇÃO DE SIGNO IDEOLÓGICO EM VALENTÍN VOLÓCHHINOV

B.el. Kauan Furtado Cunha¹¹

RESUMO

Valentin Volóchinov (1895 – 1936), do Círculo de Bakhtin, é um acadêmico russo que trouxe diversas contribuições para o campo da filologia, literatura e filosofia da linguagem. Uma de suas principais obras é *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, em que apresenta as contribuições que a filosofia da linguagem pode fazer ao marxismo, apresentando os problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. O objetivo deste trabalho é introduzir, com fontes primárias, uma concepção marxista de linguagem, a partir das nuances da palavra enquanto signo ideológico. Todo o artigo se desenvolveu a partir de pesquisa bibliográfica e redação textual.

PALAVRAS-CHAVE: Valentin Volóchinov; Círculo de Bakhtin; *Marxismo e Filosofia da Linguagem*; Signo ideológico.

ABSTRACT

Valentin Voloshinov (1895–1936), a member of the Bakhtin Circle, is a Russian academic who made several contributions to the fields of philology, literature, and philosophy of language. One of his main works is *Marxism and the Philosophy of Language*, in which he presents the contributions that the philosophy of language can make to Marxism, presenting the fundamental problems of the sociological method in the science of language. The objective of this work is to introduce, with primary sources, a Marxist conception of language, based on the nuances of the word as an ideological sign. The entire article was developed based on bibliographical research and textual writing.

KEYWORDS: Valentin Voloshinov; Bakhtin Circle; *Marxism and Philosophy of Language*; Ideological sign.

Introdução: Uma Filosofia da Linguagem Marxista

A linguagem para Valentin Volóchinov é uma superestrutura com um destaque especial, pois atravessa completamente a vida dos sujeitos, e os molda ao mesmo tempo que é moldada. Neste artigo, aprofundaremos mais essa tese do autor, a partir da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, fazendo uma introdução ao conceito de signo ideológico.

Hoje em dia, não parece grande novidade o aspecto do contexto social aparecer nos discursos, e não é extraordinário ver autores como Michel Pêcheux, Michel Foucault, Dominique Maingueneau, com trabalhos de análise de discurso e teorias sociais da língua¹². [...]

¹¹Bacharel em Filosofia pela Faculdade Dehoniana, turma de 2024. Seminarista da Diocese de Taubaté, cursando o bacharelado em Teologia também na Faculdade Dehoniana.

¹²Cf. MAGALHÃES, Anderson Salvaterra. *Pensadores da Análise do Discurso: uma introdução*. 2019.

CAPÍTULO IV – DIRETRIZES PARA CONFEÇÃO DE TRABALHO DE DISCIPLINA

Há diversos trabalhos acadêmicos que possuem uma natureza própria, mas que se baseiam, grosso modo, nas diretrizes de um TCC. As modalidades mais comuns apresentadas nesse formato são: resenhas, resumos, textos dissertativos temáticos, resultados de seminários, resolução de questionário, relatórios, projeto de pesquisa, entre outras atividades de sala de aula.

De modo geral, dependendo da natureza de cada modalidade, são trabalhos que internamente possuem as seguintes características: Introdução; Desenvolvimento; Conclusão; Referências, se houver. Se o estudante desejar, poderá usar esses quatro elementos apresentados acima como divisão interna. Neste caso, deverá numerá-los usando os recursos de nível apresentados no **Capítulo 1**.

4.1 Cabeçalho

Anteriormente ao desenvolvimento do conteúdo, o leitor tem acesso às informações básicas para identificação da autoria da atividade. Este é o modelo padrão:

Faculdade Dehoniana Disciplina Nome do Aluno Data da entrega

Fonte *Times New Roman* 12 ou *Arial* 11, alinhado à esquerda, espaçamento simples. **Todas as informações vêm em negrito.** Vale lembrar que não se trata de cabeçalho de acordo com a formatação do *Word*, mas sim, uma informação antecedente ao corpo do texto:

Faculdade Dehoniana Eclesiologia II: Ecumenismo Carlos Alberto Silva 15/05/2020
--

4.2 Título e subtítulo

A definição e disposição do título e subtítulos nestes trabalhos dependem da natureza da pesquisa e poderá ser indicado pelo professor em sala de aula. Em se tratando de avaliações, deverá seguir o seguinte modelo:

Avaliação Parcial I – Título do Documento

4.3 Corpo textual

O corpo textual segue os mesmos padrões do TCC e dos artigos científicos

4.4 Siglas e abreviaturas

Para os trabalhos menores, não é prevista a inserção do elemento pré-textual “Siglas e abreviaturas”. Neste caso, semelhantemente ao artigo científico, na primeira ocasião em que uma fonte for citada, ela deverá ser feita em sua forma completa. Ao final da referência, se o estudante desejar a partir daquele momento usar a respectiva sigla, poderá inserir um dado complementar informando que, a partir daquela referência no rodapé, será empregada uma sigla ou abreviatura, conforme modelo de texto abaixo:

¹ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição dogmática “Lumen Gentium” sobre a Igreja*. 1997. n. 12 (A partir daqui: LG).

Faculdade Dehoniana
Teologia Fundamental I: Epistemologia Teológica
José Carlos de Oliveira Júnior
06/06/2022

AVALIAÇÃO PARCIAL I – QUESTIONÁRIO

1. A FÉ PRÁTICA: Como entender o “primado da prática” na teologia se a fé na Palavra é o princípio determinante da teologia?

Compreende-se, pois, a Palavra como princípio determinante da teologia; aquilo que poderíamos chamar de “balizador” da reflexão teológica. Nesse sentido, a constituição do pensamento teológico não se dá unicamente pela teoria, simples e pura. Seria infrutífera uma reflexão que se esgota em si mesma. Ela apresenta a prática, possuindo o seu primado, como um fértil terreno para o fazer teológico. Inserido em uma realidade concreta/ na história, o teólogo é chamado a elaborar sua teoria e desenvolver sua reflexão. Portanto, o primado da prática ante o princípio determinante que é a Palavra se entende como instrumento auxiliar para o desenvolvimento do pensamento teológico. Não basta apenas pensar teologia, mas é preciso viver, concretamente, a teologia, a partir da realidade na qual se encontra.

2. A FÉ PALAVRA: Que relação deve haver entre *intellectus amoris* e *intellectus fidei* para que um discurso seja realmente teológico?

Para que um discurso seja compreendido e classificado como teológico não deve se deixar levar unicamente pela razão – *intellectus fidei* – nem mesmo pelo amor – *intellectus amoris*, aquilo que o homem é capaz de sentir; sua humanidade. Descartar uma ou outra deixaria o discurso teológico vazio: utilizar-se somente da razão, o tornaria inútil; enquanto utilizar somente do amor, poderia correr o risco de se perder no desvairado campo humano. Deste modo, *intellectus fidei* pode ser compreendido como um guia para aquilo que o *intellectus amoris* pode nos apresentar. Pautado/ iluminado pela Revelação – Palavra – lidamos com as mais diversas questões humanas. Assim, o discurso se torna verdadeiramente teológico. [...]

CAPÍTULO V – NORMAS PARA CITAÇÕES E REFERÊNCIAS

5.1 Citação direta ou literal

Citação direta é quando uma informação é retirada de uma obra e usada literalmente. Se o texto possui 4 linhas ou mais, surge a necessidade de destacar esta citação através do tamanho da fonte (Arial 10 ou Times 11) e do recuo (todas as linhas da citação seguem o recuo da primeira linha do parágrafo, que deve ser de 1,5). O espaçamento entre linhas de uma citação direta deve ser configurado no modo “simples” do editor de texto. Até três linhas, a citação fica incorporada no corpo do texto. Abaixo, um exemplo¹³:

A cultura popular é aquela que nasce do povo e é produzida pelo povo, de modo natural, espontâneo e simples sem separar as esferas material, espiritual e simbólica, mostrando a indivisibilidade do corpo e da alma, ou seja, das necessidades orgânicas e morais no cotidiano do homem rústico.

A cultura popular implica modos de viver: o alimento, o vestuário, a relação homem-mulher, a habitação, os hábitos de limpeza, as práticas de cura, as relações de parentesco, as divisões de tarefas durante as jornadas e, simultaneamente, as crenças, os cantos, as danças, os jogos, a caça, a pesca, o fumo, a bebida, os provérbios, os modos de cumprimentar, as palavras tabus, os eufemismos, o modo de olhar, o modo de sentar, o modo de andar, o modo de visitar e ser visitado, as romarias, as promessas, as festas do padroeiro, o modo de criar galinha e porco, os modos de plantar feijão, milho e mandioca, o conhecimento do tempo, o modo de rir e de chorar, de agredir e de consolar [...]¹.

¹ BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. 1992. p.324.

5.2 Paráfrase ou citação indireta

E a paráfrase? O aluno apropriou-se de tal maneira de uma ideia ou conceito que ele tem condições de elaborar aquela nova realidade. Não se trata somente de dizer a mesma coisa com palavras diferentes. Trata-se de mostrar que ele tem domínio sobre o tema e que pode citar indiretamente. Isto é, o autor é referenciado como fonte, mas o texto é redigido de maneira

¹³ PINTO, Adriana Cintra de Carvalho. “A cultura criadora na poética caipira de Padre Zezinho”. in *Teologia em Questão* 36 (2019). Taubaté. p. 164.

peçoal, sem esquecer de inserir a voz do autor. Paráfrase é uma citação indireta: ao final da apresentação da ideia; há sempre um “cf.” (conferir). Segue um exemplo¹⁴:

A expressão que dá nome ao livro, “Por causa de um certo reino”, resume, segundo Padre Zezinho, aquilo que Padre Dehon propôs com a sua vida e ação: ele sonhava com o Reino do Coração de Jesus e lutou para que esse sonho saísse do projeto e se fizesse realidade¹. Nessa perspectiva, o ideal de Padre Dehon, na obra de Padre Zezinho, aparece como um misto de vida contemplativa e vida apostólica: realmente, afirma o nosso autor, “não seria exagero afirmar que Leão Dehon conseguiu ser ao mesmo tempo um místico e um ativista incontrolável, por mais paradoxal que isso pareça”². E porque lutava “por causa de um certo reino”, o Reino do Coração de Jesus, Leão Dehon é apresentado como alguém que tinha um claro posicionamento político: era um democrata convicto, que não admitia nem a oligarquia e a nobreza decadente, nem o totalitarismo social marxista que surgia naquele seu contexto³.

¹Cf. OLIVEIRA, José Fernandes de. *Por causa de um certo reino: história de João Leão Dehon e sua incrível paz inquieta*. 1978. p. 23.

² *Ibidem*. p. 24.

³ Cf. *Ibidem*. p. 27.

5.3 Apud

Em algumas ocasiões, como quando uma obra é de difícil acesso, o aluno poderá encontrar e utilizar ideias de terceiros citadas nos textos que estará usando como fontes para sua pesquisa. Quando se usa uma citação assim, tem-se o caso de citação de citação. Na prática, consiste no uso de uma ideia de uma obra x, mas que se encontra registrada em uma obra y. Nesse caso, usa-se o *apud*.

Não é recomendado o abuso dessa ferramenta de referenciação, sendo preferível reservá-la apenas para casos muito específicos. Do contrário, parece que a pesquisa foi feita sem o zelo de se consultar as fontes primárias das ideias, baseando-se apenas em fontes secundárias, como comentadores e manuais. Segue um exemplo:

¹⁴ BARBOSA, Victor de Oliveira. “A presença inspiradora de Padre Léon Dehon nos escritos e nas canções de José Fernandes de Oliveira (Padre Zezinho)”. in *Teologia em Questão* 36 (2019). Taubaté. p. 62.

Para Simone WEIL, tanto a dor como a alegria são formadoras da sensibilidade profunda do coração humano.

Pela alegria, a beleza do mundo penetra em nossa alma. Pela dor, entra no nosso corpo. Somente com a alegria, nós não podemos nos tornar amigos de Deus. [...] Apenas uma parte mais elevada da sensibilidade é capaz de sentir a necessidade na alegria e unicamente por meio do sentimento do belo. Para que nosso ser se torne um dia sensível em tudo, de lado a lado, a essa obediência que é a substância da matéria, para que se forme em nós esse sentido novo que nos permite escutar o universo como sendo a vibração da palavra de Deus, as virtudes transformadoras da dor e da alegria são igualmente indispensáveis¹.

¹ WEIL, Simon., Attente de Dieu. 1950. p. 138. *apud* MARTINS, Alexandre Andrade. *A pobreza e a graça: experiência de Deus em meio ao sofrimento em Simone Weil*. 2013. p. 220-221.

5.4 Referências

As referências presentes num texto científico seguem os padrões estabelecidos e recomendados pela ABNT — Associação Brasileira de Normas Técnicas — e por legislação própria expedida pela Instituição de Ensino Superior. O presente manual constitui a legislação expedida pela Faculdade Dehoniana para a normalização de seus textos.

De acordo com a ABNT, os sistemas de chamadas de citações podem ser de dois tipos: sistema autor-data (ou norte-americano) e sistema numérico (ou europeu). A Dehoniana optou pelo segundo sistema, ou seja, a referência é indicada no rodapé e não no corpo do texto (como no modelo americano). Assim, não é livre ao estudante (ou ao professor) fazer o que deseja nesse assunto. Sua energia e criatividade devem ser usadas para a pesquisa.

Nas linhas abaixo, se encontram os padrões adotados pela Faculdade Dehoniana e que devem ser utilizados na redação de todos os trabalhos acadêmicos: TCC, resenhas, resumos, artigos, projeto de pesquisa, etc.

O estudante deve ter cuidado porque há manifesta distinção entre a referência no rodapé, presente nos elementos textuais, e as Referências, que compõe os elementos pós-textuais.

Existe um padrão elementar, tanto para as Referências quanto para as Notas de Rodapé, que deverá sempre ser seguido. As variações acontecerão a partir deste duplo padrão, como veremos abaixo.

- **Padrão das Notas de Rodapé**

No Rodapé, as informações são grafadas em *Times New Roman 10* ou *Arial 9*, com espaçamento simples (1,0) e sem recuo, de acordo com o padrão abaixo:

¹ SOBRENOME, Nome. *Título: Subtítulo da obra*. Ano. página.

Exemplos:

¹ SELLA, Adriano. *Ética da justiça*. 2003. p. 189-208.

² LADARIA, Luis F. *O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade*. 2005. p. 45.

³ ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. *História da Filosofia: Filosofia Pagã Antiga*. 2017. p. 46.

⁴ BAL, Gabriela. *Silêncio e Contemplação: uma introdução a Plotino*. 2007. p. 13.

- **Padrão das Referências**

As referências são apresentadas em ordem alfabética com espaçamento simples. Há uma linha entre as fontes citadas. O padrão básico para as referências é este:

SOBRENOME, Nome. *Título: Subtítulo da obra*. Número da edição. Cidade sede da Editora: Editora. ano (Coleção, Volume e outras informações complementares).

Exemplos:

BENTO XVI. *Carta encíclica “Caritas in veritate”*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas. 2009 (A voz do Papa 193).

KÜNG, Hans. *A Igreja tem salvação?* São Paulo: Paulus. 2012.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: Filosofia Pagã Antiga*. São Paulo: Paulus. 2017 (Vol. 1).

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Porto Alegre: L&PM. 2019.

5.4.1 Obras com mais de um autor

Neste caso, os autores são citados em ordem alfabética, de acordo com a letra inicial do sobrenome, separados por ponto-e-vírgula (;), quando necessário:

- **Notas de rodapé**

LIBANIO, João B.; MURAD, Afonso. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. 1996. p. 23.

ADLER, Mortimer J.; VAN DOREN, Charles. *Como ler livros: o guia clássico para a leitura inteligente*. 2011. p. 87.

• Referências

BOFF, Leonardo; LELOUP, Jean-Yves. *Terapeutas do deserto: de Filon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Dürckheim*. 16ª ed. Petrópolis: Vozes. 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo*. São Paulo: Editora 34. 2010.

LAMBIASI, Francesco; VITALI, Dário. *Lo Spirito santo: mistero e presenza: per una sintesi di Pneumatologia*. Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna. 1987 (Corso di Teologia Sistemática V).

KÜNG, Hans; *et alii*. *A experiência do Espírito Santo*. Petrópolis: Vozes. 1979.

Observação: Quando há muitos autores em uma obra, pode-se referenciar o primeiro e acrescentar *et alii* (= e outros) para indicar os demais.

5.4.2 Obras com organizador, coordenador, editor, compilador ou diretor

Indica-se o responsável pela publicação, acrescentando, logo após seu nome, a sigla adequada a cada caso:

- ✓ (org.) para organizador; plural: (orgs.);
- ✓ (ed.) para editor; plural (eds.);
- ✓ (dir.) para diretor; plural (dirs.);
- ✓ (comp.) para compilador; plural (comps.);
- ✓ (coord.) para coordenador; plural (coords.).

• Notas de rodapé

No rodapé deverá ser citado o autor que efetivamente escreveu a parte que o estudante está citando em sua pesquisa, de acordo com a(s) página(s) citada(s).

MAÇANEIRO, Marcial. “Conferências Episcopais”. In João Décio PASSOS; Wagner Lopes SANCHEZ (coord.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. 2015. p. 206.

ESTELRICH, Bartolomeu. “Filosofia como exercício espiritual: Simone Weil e Pierre Hadot”. In BINGEMER, Maria Clara L. (org.). *Simone Weil e o encontro entre as culturas*. 2009. p. 41.

BAUCHWITZ, Oscar Federico. “Proclo e o neoplatonismo medieval”. In BAUCHWITZ, Oscar Federico (org.). *Proclo: Fontes e Posteridade*. 2018. p. 117-131.

PUTTI, Alberta M. “A resposta da teologia escolástica à pneumatologia de Joaquim de Fiore. Questões Controversas”. In FRANCO, José Eduardo; REBELO, António Manuel Ribeiro (coords.). *Utopia Global do Espírito Santo: Cultura, Cultos e Inspirações Utópicas*. 2021. p. 63-92.

• Referências

Cita-se o autor do livro, não de cada capítulo, caso autores diversos os tenham escrito.

BARTHOLO, Roberto; CAMPOS, Arminda E. (orgs.). *Islã: o credo é a conduta*. Rio de Janeiro: Imago. 1990.

BOHN, Hilário I.; SOUZA, Osmar de (orgs.). *Faces do saber: desafios à educação do futuro*. Florianópolis: Insular. 2002.

FISCHER, Rosa Maria Bueno; FLEURY, Maria Tereza Leme (coords.). *Cultura e poder nas organizações*. São Paulo: Atlas. 1989.

SCHNEIDER, Theodor (org.). *Manual de Dogmática*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes. 2012 (Vol. 1).

TEPEDINO, Aba Maria (org.). *Amor e discernimento: Experiência e razão no horizonte pneumatológico das Igrejas*. São Paulo: Paulinas. 2007.

5.4.3 Obras em que a autoria pertence a uma instituição

- **Notas de rodapé**

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora no Brasil 2019-2023*. 2019. n. 45.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Diretório sobre piedade popular e liturgia*. 2003. n. 69.

- **Referências**

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora no Brasil 2019-2023*. Brasília: Ed. CNBB, 2019.

CENTRO CATEQUÉTICO DIOCESANO DA DIOCESE DE OSASCO. *Livro do catequista: fé, vida, comunidade*. São Paulo: Paulus, 1994.

Observação: Nestes dois exemplos o título da instituição pode ser substituído por uma sigla, desde que esta informação esteja disponível para o leitor.

5.4.4 Partes assinadas por autor, inseridas em obra maior

Quando se trata de um verbete de um dicionário, do capítulo de um livro (cada capítulo com autor distinto) ou algo similar, procede-se da seguinte maneira:

- **Notas de rodapé**

DÍEZ-ALEGRÍA, José M. "Doctrina social de la Iglesia". In FLORISTAN, C.; TAMAYO, J. J. *Conceptos Fundamentales del Cristianismo*. 1993. p. 320.

METTNER, Mathias. "Paz". In Peter EICHER, *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. 1993. p. 648.

BRANDÃO, Dalton Sebastião. "A formação sacerdotal: desafio do tempo presente". In ALMEIDA, João C.; MAÇANEIRO, Marcial; MANZINI, Rosana (orgs.). *As janelas do Vaticano II: A Igreja em diálogo com o mundo*. 2013. p. 427.

PINHEIRO, Marcus Reis. “O Uno em Parmênides e em Plotino”. In PINHEIRO, Marcus Reis; FILHO, Celso Martins Azar (orgs.). *Neoplatonismo, mística e linguagem*. 2013. p. 71-88.
 BAUCHWITZ, Oscar Federico. “Proclo e o neoplatonismo medieval”. In BAUCHWITZ, Oscar Federico (org.). *Proclo: Fontes e Posteridade*. 2018. p. 131.

• Referências

DÍEZ-ALEGRÍA, José M. “Doctrina social de la Iglesia”. In FLORISTAN, C.; TAMAYO, J. J. *Conceptos Fundamentales del Cristianismo*. Madrid: Trotta. 1993. p. 317-330.

METTNER, Mathias. “Paz”. In EICHER, Peter. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus. 1993. p. 648-660.

SOEHNGEN, Gottlieb. “A sabedoria da teologia adquirida através do caminho da ciência”. In FEINER, Johannes; LOEHRER, Magnus. *Mysterium Salutis*. Petrópolis: Vozes. 1972. p. 111-191. (Vol. I/4).

BRANDÃO, Dalton Sebastião. “A formação sacerdotal: desafio do tempo presente”. In ALMEIDA, João C.; MAÇANEIRO, Marcial; MANZINI, Rosana (orgs.). *As janelas do Vaticano II: A Igreja em diálogo com o mundo*. Aparecida: Santuário. 2013. p. 427-441.

PINHEIRO, Marcus Reis. “O Uno em Parmênides e em Plotino”. In PINHEIRO, Marcus Reis; FILHO, Celso Martins Azar (orgs.). *Neoplatonismo, mística e linguagem*. Niterói: Ed. da UFF. 2013. p. 71-88.

BAUCHWITZ, Oscar Federico. “Proclo e o neoplatonismo medieval”. In BAUCHWITZ, Oscar Federico (org.). *Proclo: Fontes e Posteridade*. Natal: Caule de papiro. 2018. p. 117-131.

Observação: Algumas obras, devido à sua singularidade acadêmica (textos consagrados, obras de referência, etc.), são referenciadas no rodapé através de siglas. Isto poderá ser feito, desde que o significado das siglas seja demonstrado em lugar próprio.

METTNER, Mathias. “Paz”. In DCFT. 1993. p. 648-660.

SOEHNGEN, Gottlieb. “A sabedoria da teologia adquirida através do caminho da ciência”. In MyS I/4. 1972. p. 111-191.

DÍEZ-ALEGRÍA, José M. “Doctrina social de la Iglesia”. In CFC. 1993. p. 317-330.

5.4.5 Textos de apostilas de sala de aula e outros textos não publicados: manuscritos

Há uma diversidade de textos que não foram publicados (no sentido estrito do termo: não foram comercialmente publicados) e por isso carecem de algumas informações que dificultam sua referência. Eles são denominados “manuscritos”. Um exemplo, são as apostilas utilizadas em sala de aula, textos como artigos, folhetos, esquemas, gráficos e outros tipos de texto. Citam-se as informações essenciais para identificação, na ordem costumeira, usando a expressão *pro manuscripto* (em itálico) no lugar da editora.

- **Notas de Rodapé**

BATALIOTO, Marcelo. *Curso de Cristologia*. 2020. p. 15.
 KNOB, José. *Curso de Cristologia: para uso dos alunos*. 1988. p. 10.
 MAÇANEIRO, Marcial. *Hildegarda de Bingen (1098-1179): guia de estudo*. 1999. p. 34.

- **Referências**

BATALIOTO, Marcelo. *Curso de Cristologia*. Taubaté: *pro manuscripto*. 2020.
 KNOB, José. *Curso de Cristologia: para uso dos alunos*. Taubaté: *pro manuscripto*. 1988.
 MAÇANEIRO, Marcial. *Hildegarda de Bingen (1098-1179): guia de estudo*. Hales Corners; Roma: *pro manuscripto*. 1999.

5.4.6 Ausência de alguma informação

Quando algum elemento do modelo padrão de referenciamento está ausente, deve-se proceder da seguinte maneira:

- ✓ Na falta da data ou ano coloca-se: s.d. (*sine dacta*);
- ✓ Na falta de lugar/cidade coloca-se: s.l. (*sine loco*);
- ✓ Na falta de editora coloca-se: s.n. (*sine nomine*), e
- ✓ Na falta de página coloca-se: s.p. (*sine pagina*).

Conforme cada um dos casos acima, a forma padrão de referenciação possuirá variações, contudo, sua estrutura essencial nunca será rompida.

Se, em alguma referenciação, ocorrer o encontro de dois pontos, o da abreviatura e o do final de frase (por exemplo: s.d.), basta a grafia de um único ponto (s.d.), evitando preciosismos.

LABICA, Georges. *As “teses sobre Feuerbach” de Karl Marx*. Rio de Janeiro: Zahar, s.d.¹⁵

5.4.7. Obras traduzidas

É facultativo ao estudante em nível de bacharelado informar o tradutor de uma obra. Porém, se for indicado em uma obra, deverá indicar em todas as demais.

¹⁵ Notar que, neste caso, o uso de aspas no título não tem a ver com os padrões de referenciação, mas com o próprio título da obra, que usa as aspas para fazer referência a um texto de Karl Marx que é comentado, ao longo da obra, pelo autor, Georges Labica. É diferente dos casos já citados, quando elas são usadas para referenciar verbetes, partes de livros ou títulos de artigos de revistas (científicas ou não).

A indicação é feita apenas nas Referências. Nas Notas de Rodapé, omite-se a indicação do tradutor.

- **Referências**

FISICHELLA, Rino; LATOURELLE, René. *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário. 1994. Tradução de Luiz J. Baraúna.

ALES BELLO, Angela. *Culturas e Religiões: uma leitura fenomenológica*. 2ª ed. Bauru: EDUSC. 1998. Tradução de Antônio Angonese.

CONGAR, Yves. *Revelação e Experiência do Espírito I*. São Paulo: Paulinas. 2005 (Coleção creio no Espírito Santo). Tradução de Euclides Martins Balacin.

EVDOKIMOV, Paul. *O Espírito Santo na tradição ortodoxa*. São Paulo: Ave-Maria. 1996. Tradução de Fr. José Luís de Almeida Monteiro, OP.

HILDEBRANDT, Wilf. *Teologia do Espírito de Deus no Antigo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã Ltda; Loyola. 2008. Tradução de Élcio Bernardino Correia.

5.4.8 Artigos de revistas científicas

No caso de artigos publicados em revistas científicas as Referências e as Notas de Rodapé seguem a mesma lógica, com uma pequena ressalva: nas Notas de Rodapé não aparece citado a cidade.

As revistas acadêmicas podem ser citadas pela abreviatura (p. ex.: TQ, PT, REB), desde que as abreviaturas tenham sido apresentadas na seção do texto própria para isso (Lista de Abreviaturas ou Siglário).

- **Notas de rodapé**

Nas notas de rodapé as informações são apresentadas de maneira mais simplificada, de acordo com o padrão abaixo:

SOBRENOME, Nome. “Título do artigo”. In *Nome da Revista* Número da Revista (Ano da Publicação). Páginas citadas.

Exemplos:

MAÇANEIRO, Marcial. “Arquétipos da sacralidade interior: na espiritualidade cristã e no misticismo emergente”. In *Revista Eclesiástica Brasileira* 239 (2000). p. 515.

PALAU, José Roberto. “A mística da paz”. In *Teologia em Questão* 2 (2002). p. 7.

CASAS, Vicente Durán. “Lógica y ética en perspectiva autobiográfica”. In *Universitas Philosophica* 64 (2015). p. 22.

- **Referências**

SOBRENOME, Nome. “Título do artigo”. *In Nome da Revista* Número da Revista (ano da publicação). Cidade onde a revista é publicada. Número de páginas correspondentes ao texto completo do artigo.

Exemplos:

MAÇANEIRO, Marcial. “Arquétipos da sacralidade interior: na espiritualidade cristã e no misticismo emergente”. *In Revista Eclesiástica Brasileira* 239 (2000). Petrópolis. p. 515-539.
 PALAU, José Roberto. “A mística da paz”. *In Teologia em Questão* 2 (2002). Taubaté. p. 7-18.
 CASAS, Vicente Durán. “Lógica y ética en perspectiva autobiográfica”. *In Universitas Philosophica* 64 (2015). Bogotá. p. 19-25.
 XAVIER, Donizete José; SILVA, Maria Freire da. “A Kénosis do Espírito Santo e a criação em Sergei Bulgakov”. *In Perspectiva Teológica* 2 (2020). Belo Horizonte. p. 393-415.

5.4.9 Matéria de revistas não científicas

Neste caso o tratamento é semelhante àquele das revistas científicas.

- **Notas de rodapé**

SILVA, Gislene “Pode ser a gota d’água”. *In Globo Rural* 189 (2001). p. 52.

- **Referências**

SILVA, Gislene. “Pode ser a gota d’água”. *In Globo Rural* 189 (2001). São Paulo. p. 50-53.

5.4.10 Matéria de jornais

No caso de matérias de jornal, quando assinadas por seu autor, são indicados por “In”. Omite-se, nas Notas de Rodapé, o nome da cidade, e quando a matéria não tiver autor explícito, se inicia a referência com o título da matéria ou, se nem mesmo esse ser aparente, com o título da seção onde se encontra a matéria (editorial, opinião, economia, etc.). O resto segue como indicado nos exemplos.

- **Notas de rodapé**

ARANTES, Silvana. “Nova lei do cinema chega à Câmara em crise”. *In Folha de S. Paulo*. 2 de abril de 2002. Folha Ilustrada. p. E 3.
 BUCCIANTI, Alexandre; NAIM, Mouna. “Árabes fazem protesto contra Israel e EUA”. *In Folha de S. Paulo*. 2 de abril de 2002. Folha Mundo. p. A 10.

- **Referências**

ARANTES, Silvana. “Nova lei do cinema chega à Câmara em crise”. *In Folha de S. Paulo*. São Paulo, 2 de abril de 2002. Folha Ilustrada. p. E 3.

BUCCIANI, Alexandre; NAIM, Mouna. “Árabes fazem protesto contra Israel e EUA”. *In Folha de S. Paulo*. São Paulo, 2 de abril de 2002. Folha Mundo. p. A 10.

5.4.11. Falta de autor impresso ou anônimo

Quando o nome do autor não vem impresso ou trata-se de autor desconhecido, a entrada da referência no rodapé ou Referência é feita pelo título da obra, escrito em itálico, redigindo a primeira palavra com maiúsculas (as demais palavras do título seguem redação normal).

Não se usa ‘anônimo’, nem AA.VV. Deve-se indicar (se houver) um dos responsáveis impressos pela publicação: editor, coordenador, organizador, compilador, tradutor (e afins):

- **Notas de rodapé**

DIAGNÓSTICO do setor editorial brasileiro. 1993. p. 10.
A NUVEM do não saber. 2007. p. 100.
FILOCALIA. 2003. p. 52.

- **Referências**

DIAGNÓSTICO do setor editorial brasileiro. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro. 1993.
A NUVEM do não saber. Petrópolis: Vozes. 2007.
FILOCALIA. Buenos Aires: Lumen. 2003 (Vol. 1). Tradução de A. Casati.

5.4.12. Obras com uma editora, sediada em duas cidades

Citam-se as duas cidades indicadas, separadas por ponto e vírgula (;), seguidas da Editora. Nas Notas de Rodapé não se citam cidades e nem editora.

- **Referências**

DENZINGER, Enrique. *El magisterio de la Iglesia*. Friburgo de Brisgovia; Barcelona: Herder. 1963 (Biblioteca Herder, *sección de teología y filosofía*).

5.4.13 Obra com duas editoras sediadas na mesma cidade

Se duas editoras forem sediadas na mesma cidade, basta citar ambas as editoras depois da cidade, separadas por ponto e vírgula (;).

- **Referências**

TERESA DE JESUS. *Moradas*. São Paulo: Carmelitanas; Loyola. 1995.

JOÃO DA CRUZ. *Obras de São João da Cruz*. São Paulo: Cultor de Livros; Ed. Carmelitanas. 2023. Tradução de Madre Teresa Margarida Maria do Coração Eucarístico.

TERESA DE JESUS. *Obras completas de Santa Teresa de Jesus*. São Paulo: Ed. Carmelitanas; Loyola. 2021. Tradução de Fr. Patrício Sciadini, OCD.

5.4.14 Obra com editoras sediadas em cidades diferentes

Se as editoras forem sediadas em cidades diferentes, cita-se a primeira cidade seguida da editora nela sediada; separa-se com (;), cita-se a segunda cidade, seguida da outra editora, nela sediada.

- **Referências**

FISICHELLA, Rino; LATOURELLE, René. *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário. 1994.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Campinas: UNICAMP; Petrópolis: Vozes. 2012.

PLATÃO. *Carta VII*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola. 2008. Tradução de José Trindade Santos; Juvino Maia Jr.

5.4.15 Obras com mais de duas editoras

Quando o número ultrapassar três editoras, cita-se a primeira editora apresentada na obra, antecedida pela sua cidade-sede e omitem-se as demais.

- **Referências**

BÍBLIA Sagrada. São Paulo: Ave Maria. 2001. Tradução da CNBB.

5.4.16 Referenciação de livros eletrônicos (*ebooks, kindles e similares*)

A referenciação de livros eletrônicos é semelhante àquela dos livros impressos. Duas questões merecem atenção, nesse caso.

1. Ao final das Referências, o leitor deve ser informado de que se trata de um livro eletrônico. Para isso, basta inserir: (Ebook). Nas notas de rodapé não é necessário informar.
2. A segunda questão se refere à página onde se encontra a informação. Alguns livros digitais informam a página, mas outros não. Na ausência deste dado, inserir algum dado

sobre a seção onde se encontra a informação. Por exemplo: cap. 3. Na ausência de qualquer seção ou organização do texto, inserir: n.p. (isto é, “não paginado”)¹⁶.

- **Notas de rodapé**

LEWIS, C. S. *Reflexões: Um experimento em crítica literária; Reflexões cristãs; Cartas a Malcon*. 2019 (Ebook).

- **Referências**

LEWIS, C. S. *Reflexões: Um experimento em crítica literária; Reflexões cristãs; Cartas a Malcon*. São Paulo: Tomas Nelson Brasil. 2019 (Ebook).

Observação: Não é preciso colocar o total de páginas da obra, ao final da referência. Exemplo: [...] São Paulo: Tomas Nelson Brasil, 2019, 486 p (Ebook).

5.4.17 Citação de fontes orais

Para citar conteúdos provenientes de fonte oral (palestra, discurso, conferência, entrevista e outras intervenções verbais), a transcrição requer que o conteúdo e demais dados sejam registrados com exatidão. Caso exista dúvida quanto à exatidão, recomenda-se não adotar este recurso. Os mesmos dados da Referências são apresentados nas Notas de Rodapé, separados por ponto (.).

- **Notas de rodapé**

SOUSA, Paulo Renato. *Discurso do Ministro de Estado da Educação por ocasião do credenciamento da Faculdade Dehoniana* (informação verbal). Taubaté: Faculdade Dehoniana. 31 de outubro de 2001.
LISBOA, Walter Eduardo. *Aula sobre o Evangelho de João ministrada na Faculdade Dehoniana* (informação verbal). Taubaté: Faculdade Dehoniana. 23 de fevereiro de 2024.

- **Referências**

SOUSA, Paulo Renato. *Discurso do Ministro de Estado da Educação por ocasião do credenciamento da Faculdade Dehoniana* (informação verbal). Taubaté: Faculdade Dehoniana. 31 de outubro de 2001.
LISBOA, Walter Eduardo. *Aula sobre o Evangelho de João ministrada na Faculdade Dehoniana* (informação verbal). Taubaté: Faculdade Dehoniana. 23 de fevereiro de 2024.

5.4.18 Citação de monografias, dissertações ou teses disponíveis na Internet

¹⁶ Cf. NBR 10520.

Para o cientista e para o estudante universitário, acessar e consultar as pesquisas acadêmicas recentes é até mais importante e útil do que ler as publicações comerciais sobre o assunto. Isso porque o teor, a finalidade, o vocabulário etc. de uma produção acadêmica é, seguramente, científica, diferentemente das produções comerciais, por melhores que sejam.

- **Notas de rodapé**

SILVA, Roberto de Souza. *A existência de Deus em Duns Scotus* (online). 2014. p. 35.
 MANNARINO FILHO, Remo. *A carta VII de Platão e as origens filosóficas do discurso autobiográfico* (online). 2017. p. 41.
 OLIVEIRA, Victor Hugo Pereira de. *Um Caminho entre a Literatura e a Espiritualidade: As Ressonâncias do Hesicismo nos Relatos de um Peregrino Russo* (online). 2018. p. 52.

- **Referências**

MANNARINO FILHO, Remo. *A carta VII de Platão e as origens filosóficas do discurso autobiográfico* (online). Rio de Janeiro: PUC-Rio. 2017. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1111973_2017_completo.pdf>. Acesso em: 07 de fevereiro de 2020 (Tese de Doutorado em Filosofia – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro).

SILVA, Roberto de Souza. *A existência de Deus em Duns Scotus* (online). São Paulo: UNIFESP. 2014. Disponível em: <<http://ppg.unifesp.br/filosofia/dissertacoes-defendidas-versao-final/dissertacao-roberto-de-sousa-silva>>. Acesso em: 09 de março de 2015 (Dissertação de Mestrado em Filosofia – Universidade Federal de São Paulo).

CALVÁRIO, Patrícia Joana do Nascimento. *Metafísica da luz e a absorção do corpo pelo Espírito no pensamento de Gregório Palamas* (online). Portugal. 2019. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/121852/2/346146.pdf>>. Acesso em: 01 de maio de 2024 (Tese de Doutorado em Filosofia — Universidade do Porto).

OLIVEIRA, Victor Hugo Pereira de. *Um Caminho entre a Literatura e a Espiritualidade: As Ressonâncias do Hesicismo nos Relatos de um Peregrino Russo* (online). Brasília. 2018. Disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/32042/1/2018_VictorHugoPereiradeOliveira.pdf>. Acesso em: 02 de maio de 2024 (Dissertação de Mestrado em Literatura — Universidade de Brasília).

5.4.19 Citação de periódicos científicos disponíveis na Internet

Na utilização de links para referenciar a autoria, **será sempre necessário remover o hiperlink do endereço eletrônico** e ajustá-lo com espaços, para que o texto fique alinhado corretamente.

- **Notas de rodapé**

PAULA E SILVA, Rogério de. “Reflexões sobre a teoria do juízo a partir da segunda e terceira parte do *Ouvinte da Palavra* de Karl Rahner”. In *Contemplanção* (online) 9 (2014). p. 51.
 ESCARDÓ, Zenia Yébenes. “Reflexiones em torno a la estética Apofática de Amador Vega”. In *Diánoia* (online) 62 (2009). p. 131.
 XAMIST, Frederico José. “Christos Giannarás: Seis bocetos filosóficos. Aporté Al Arte”. In *Byzantion Nea Hellás* (online) 34 (2015). p. 312.
 VIGNE, Jacques. “No-dualidad y Mística Cristiana: Vedanta y Hesicasmo”. In *Questions* (online) 99 (1995). p. 119.

- **Referências**

PAULA E SILVA, Rogério de. “Reflexões sobre a teoria do juízo a partir da segunda e terceira parte do *Ouvinte da Palavra* de Karl Rahner”. In *Contemplanção* (online) 9 (2014). Marília. p. 51-64. Disponível em: <<http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/58/61>>. Acesso em: 19 de março de 2015.

ESCARDÓ, Zenia Yébenes. “Reflexiones em torno a la estética Apofática de Amador Vega”. In *Diánoia* (online) 62 (2009). México. p. 123-137. Disponível em: <<http://www.scielo.org.mx/pdf/dianoia/v54n62/v54n62a7.pdf>>. Acesso em: 22 de janeiro de 2020.

XAMIST, Frederico José. “Christos Giannarás: Seis bocetos filosóficos. Aporté Al Arte”. In *Byzantion Nea Hellás* (online) 34 (2015). Espanha. p. 309-321. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/byzantion/n34/art13.pdf>>. Acesso em: 13 de outubro de 2023.

VIGNE, Jacques. “No-dualidad y Mística Cristiana: Vedanta y Hesicasmo”. In *Questions* (online) 99 (1995). Espanha. p. 119-172. Disponível em: <<https://www.svabhinava.org/Spanish/JacquesVigne/VedantaHesichasmoPDForiginal.pdf>>. Acesso em: 04 de maio de 2024.

5.4.20 Citação de imagens em movimento ou som (*filmes, videocassetes, DVD, CD e outros*)

No caso de fontes provenientes de imagens em movimento, cita-se de modo semelhante às citações de obras impressas, com algumas adaptações conforme a natureza do material pesquisado.

- **Notas de rodapé**

DE MEDELLÍN *a Aparecida: 40 anos da Igreja Católica na América Latina* (DVD). Direção de Ricardo Martesen. s.d. A partir de: 12:45.

- **Referências**

DE MEDELLÍN *a Aparecida: 40 anos da Igreja Católica na América Latina* (DVD). Direção de Ricardo Martesen. São Paulo: TV PUC-SP. s.d. 48 min.

5.4.21 Citação de fontes eletrônicas (*Internet e e-mail*)

No caso de fontes eletrônicas via *www. (World Wide Web)*, cita-se de modo semelhante às citações de obras impressas, com algumas adaptações conforme a natureza do material pesquisado, segundo o padrão básico abaixo:

- **Nota de Rodapé:**

SOBRENOME, Nome. *Título (tipo de suporte)*. Ano.

FANTINI, Fernando. *Dicas PHN do Papa Leão XIV (site)*. 2025.

MAZZI, Padre Paulo. *O Samaritano, modelo do verdadeiro discípulo de Jesus (blog)*. 2025.

- **Referências:**

SOBRENOME, Nome. *Título (tipo de suporte)*, ano. Disponível em <link do site>. Acesso em: dia, mês e ano.

FANTINI, Fernando. *Dicas PHN do Papa Leão XIV (site)*. 2025. Disponível em: <<https://formacao.cancaonova.com/atualidade/dicas-phn-papa-leao-xiv/>>. Acesso em: 14 de julho de 2025.

MAZZI, Padre Paulo. *O Samaritano, modelo do verdadeiro discípulo de Jesus (blog)*. 2025. Disponível em: <<https://padrepaulomazzi.blogspot.com/2025/07/o-samaritano-modelo-do-verdadeiro.html>>. Acesso em: 10 de julho de 2025.

Observação: Na Referência, a diferença da Nota de Rodapé está na vírgula (,) empregada entre o título e o ano de publicação.

5.4.21.1 Youtube

- **Nota de Rodapé:**

Indicar o nome do autor, o canal que publicou o vídeo e a localização da informação, de acordo com o modelo abaixo:

SOBRENOME, Nome do autor (ou título). *Título do vídeo*. Publicado pelo: nome do canal. A partir de: 00:45

Reflexão Dom Wilson Luís Angotti Filho — 3ª dia da Novena Solene 2023. Publicado pelo: Santuário Nacional de Aparecida. A partir de: 13:45.

GRUPO de Reflexão Bíblica – São Jerônimo. *Festa Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo (16/07/2025)*. Publicado pelo: Grupo de Reflexão Bíblica – São Jerônimo. A partir de: 08:07.

FALCÃO, Dom José Francisco. *Programa 34 - Luz para os meus Passos - Pecado Original - Parte 4 - 08/06/2025*. Publicado pelo: Dom José Francisco Falcão. A partir de: 10:50.

- **Referências:**

O padrão para referenciar filmes provenientes do Youtube (ou outra plataforma de vídeo) deverá ser este:

SOBRENOME, Nome do Autor. *Título do vídeo*. Data da publicação. 1 vídeo (tempo de duração: 1:45). Publicado pelo: nome do canal. Disponível em: <link>. Acesso em: dia, mês e ano.

Reflexão Dom Wilson Luís Angotti Filho — 3ª dia da Novena Solene 2023. 2023. 17:24. Publicado pelo: Santuário Nacional de Aparecida. Disponível em: <https://youtu.be/ocp4Ke4lCAM?si=d_cSBeuqARKQT59->>. Acesso em: 10 de outubro de 2023.

GRUPO de Reflexão Bíblica – São Jerônimo. *Festa Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo (16/07/2025)*. 2025. 14:52. Publicado pelo: Grupo de Reflexão Bíblica – São Jerônimo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=icaIpPWTRdY>>. Acesso em: 16 de julho de 2025.

FALCÃO, Dom José Francisco. *Programa 34 - Luz para os meus Passos - Pecado Original - Parte 4 - 08/06/2025*. 2025. 54:14. Publicado pelo: Dom José Francisco Falcão. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vHUgq0yyGA0>>. Acesso em: 12 de julho de 2025.

Observação: Na ausência de autor, entrar com o título do vídeo.

5.4.21.2 Redes sociais

- **Notas de Rodapé**

Nas Notas de Rodapé, o padrão será semelhante àquele das referências, excetuando o emprego de vírgula ao invés de ponto, antes da data de publicação.

SOBRENOME, Nome. *Início da publicação [...]*. Data da publicação.

BOFF, Leonardo. *Os USA parecem o "Terceiro Mundo"* [...]. 18 de janeiro de 2021.

TEMPESTA, Orani João. *Irmãos e irmãos, este é do dia [...]*. 24 de dezembro de 2021.

- **Referências**

Para as Referências, o modelo deverá ser este:

SOBRENOME, Nome. *Início do texto da publicação [...]*. Data da publicação. Disponível em: @nome. Acesso em: dia, mês e ano.

FRANCISCO. *Hoje tem início a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos [...]*. 18 de janeiro de 2021. Disponível em: @Pontifex_pt. Acesso em 19 de janeiro de 2021.

5.4.22 Documentos do magistério pontifício

No caso de encíclicas, cartas apostólicas, exortações, catequese e outros documentos emitidos e assinados pelo Romano Pontífice, observe-se o que segue:

NOME DO PONTÍFICE. *Título do documento*. Edição. Cidade da editora: Editora. ano da publicação.

Observação: É importante recordar que, com poucas exceções, os documentos da Igreja são citados a partir de números (de parágrafo ou de margem) e não de páginas. Assim, na nota de rodapé, cita-se o número onde se encontra o texto referenciado. Exemplo: n. 15.

- **Notas de Rodapé**

- a. **Forma longa**

NOME DO PONTÍFICE. *Título do documento*. número.

JOÃO PAULO II. *Ut unum sint*. n. 14.
FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. n. 45.

- a. **Forma breve**

DM 4.
EN 8.
PT 12.

- **Referências**

FRANCISCO. *Exortação Apostólica “Evangelii Gaudium” do Papa Francisco sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas. 2013 (A voz do Papa 198).
JOÃO PAULO II. *Carta encíclica “Ut unum sint” do Santo Padre João Paulo II sobre o empenho ecumênico*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas. 1995.

5.4.23 Outros documentos do magistério eclesial

No caso de documentos emitidos por Concílios Ecumênicos, Sínodos Episcopais, Conselhos Pontifícios, Tribunal da Rota Romana, Sagradas Congregações e outros organismos da Santa Sé, observe-se o que segue:

Observação: No caso da nota de rodapé: citar o número onde se encontra o texto referenciado. Exemplo: n. 14.

- **Notas de Rodapé**

- a. **Forma longa**

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO; CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS. *Diálogo e Anúncio*. 1996. n. 14.
 CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição dogmática “Lumen Gentium” sobre a Igreja*. 1997. n. 18.

- b. **Forma breve**

DA 17.
 LG 6.

- **Referências**

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO; CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS. *Diálogo e Anúncio*. São Paulo: Paulinas. 1996.
 CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição dogmática “Lumen Gentium” sobre a Igreja*. Paulinas: São Paulo. 1966.
 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *O presbítero, mestre da Palavra, ministro dos Sacramentos e Guia da Comunidade em vista do terceiro milênio*. São Paulo: Paulinas. 1999.

5.4.24 Documentos do magistério inserido em obra maior

Em se tratando de um documento conciliar inserido em obra maior deve-se fazer a referência conforme indicado abaixo:

- **Notas de Rodapé**

- a. **Forma longa**

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. “Constituição dogmática ‘Lumen Gentium’ sobre a Igreja”. *In Documentos do Concílio Vaticano II*. 2004. n. 34.

- b. **Forma breve**

LG 6.
 GS 17.
 SC 14.
 GE 4.

- **Referências**

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. “Constituição dogmática ‘Lumen Gentium’ sobre a Igreja”. *In Documentos do Concílio Vaticano II*. 3ª ed. São Paulo: Paulus. 2004. p.101-197.
 III CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. “Documento de Puebla: Evangelização no presente e no futuro da América Latina”. *In Documentos do CELAM*.

Rio – Medellín – Puebla – Santo Domingo. São Paulo: Paulus. 2004 (Coleção Documentos da Igreja).

5.4.25 Documentos de Conferências Episcopais

No caso de documentos emitidos por Conferências ou Conselhos Episcopais e seus organismos (presidência, assembleias, comissões, etc.): cita-se a própria Conferência como entidade-autor, observando:

- **Notas de Rodapé**

- a. **Forma longa**

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Igreja, comunhão e missão: na evangelização dos povos, no mundo do trabalho, da política e da cultura*. 1990. n. 5.

- b. **Forma breve**

SIGLA DA CONFERÊNCIA (CNBB) Abreviação do Documento ou Estudo (Doc. 40; Est. 30). Número do parágrafo.

CNBB. Doc. 40. n. 12.
CNBB. Est. 13. p. 12.

- **Referências**

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Igreja, comunhão e missão: na evangelização dos povos, no mundo do trabalho, da política e da cultura*. São Paulo: Paulinas. 1990 (Documentos da CNBB 40).

5.4.26 Documentos de outras entidades eclesiais

No caso de documentos emitidos por outras entidades eclesiais cristãs (católicas, ortodoxas, anglicanas, reformadas, evangélicas, pentecostais...) ¹⁷ ou organismos ecumênicos ¹⁸, deve-se proceder da seguinte maneira:

- **Notas de Rodapé**

¹⁷ Alguns exemplos: aliança mundial de igrejas reformadas, colégio episcopal metodista, comissão pastoral da terra, comissão teológica internacional, conferência de lambeth, federação luterana mundial, patriarcado ecumênico de constantinopla, santo sínodo ortodoxo, entre outros.

¹⁸ alguns exemplos: centro pro unione, comissão fé e constituição, conselho latino-americano de igrejas, conselho mundial de igrejas, comissão conjunta de trabalho, consulta ecumênica pentecostal, coordenadoria ecumênica de serviço, entre outros.

a. Forma longa

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Teologia da Redenção*. 1997. n. 14.
 COMISSÃO CONJUNTA DE TRABALHO ENTRE A IGREJA CATÓLICA ROMANA E O CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. *Formação ecumênica: reflexões e sugestões ecumênicas*. 1997. p. 47.
 CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS - COMISSÃO FÉ E CONSTITUIÇÃO. *Batismo, eucaristia, ministério: convergência da fé*. 1984. p. 38.
 CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS DO BRASIL. *Semana de oração pela unidade dos cristãos: 12 a 19 de maio de 2002*. 2001. p. 12.

b. Forma breve

CTI. *Teologia da redenção*. n. 33.
 CMI - F&O. *Batismo, eucaristia, ministério*. p. 38.
 CONIC. *Semana de oração pela unidade dos cristãos: 12 a 19 de maio de 2002*. p. 12.

• Referências

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Teologia da redenção*. São Paulo: Loyola. 1997.
 COMISSÃO CONJUNTA DE TRABALHO ENTRE A IGREJA CATÓLICA ROMANA E O CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. *Formação ecumênica: reflexões e sugestões ecumênicas*. São Paulo: CESEP; Paulus. 1997.
 CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS - COMISSÃO FÉ E CONSTITUIÇÃO. *Batismo, eucaristia, ministério: convergência da fé*. 2ª ed. Rio de Janeiro: CONIC; CEDI. 1984.
 CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS DO BRASIL. *Semana de oração pela unidade dos cristãos 12 a 19 de maio de 2002*. São Paulo: CONIC. s.d.

5.4.27 Textos de Doutores (as) da Igreja e Místicos (as)

No caso de obras de Doutores e Doutoradas da Igreja ou de místicos(as) reconhecidos como tal, o(a) autor(a) vem citado(a) como demais autores. Contudo, em geral os nomes não apresentam o sobrenome oficial, mas trazem outro termo de identificação que acabou sendo usado pela tradição eclesial como sobrenome. Por isso, atenção às orientações que seguem:

• Notas de Rodapé

BENTO DE NÚRSIA. *A Regra de São Bento: latim-português*. 1990. n. 14.

• Referências

AGOSTINHO DE HIPONA. *Confissões*. São Paulo: Paulus. 1997 (Coleção Patrística 10).
 BENTO DE NÚRSIA. *A Regra de São Bento: latim-português*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lumen Christi. 1990.

5.4.28 Bíblia

Recomenda-se que se utilize apenas uma tradução bíblica para todo trabalho. Caso, em algum momento, outra tradução seja recomendável ou pertinente por algum motivo específico, o estudante deve informar no rodapé como Nota Explicativa.

... [texto]...: “Que todos sejam um, para que o mundo creia” (Jo 17, 21)¹.

¹. Usamos, especificamente aqui, a tradução da Bíblia do Peregrino, organizada por Luís Alonso Schökel.

Há duas possibilidades para referência de um texto bíblico.

1ª opção: logo após transcrição

... [texto]...: “Que todos sejam um, para que o mundo creia” (Jo 17, 21).

2ª opção: no rodapé, como nota

... [texto]...: “Que todos sejam um, para que o mundo creia”¹.

¹ Jo 17, 21.

• Referências

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição revista. São Paulo: Paulinas, 1989.

BÍBLIA Sagrada. São Paulo: Ave Maria. 2001. Tradução da CNBB.

5.4.29 Didaqué

A Didaqué, escrito do séc. I, merece particular atenção na referência, pois possui nomes diferentes em edições distintas.

• Notas de Rodapé

a. Forma longa

DIDAQUÉ: O catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje. 1989. p. 13.

DIDAQUÉ: O catecismo dos primeiros cristãos. 1978. p. 35.

b. Forma breve

Cita-se o título inteiro e em itálico (na grafia em que estiver impresso), seguido da parte (em algarismos romanos) e versículo (em algarismos arábicos).

Didaqué VII 1-3.
Didaqué IX. 5.
Didaqué XVI. 4 ss.

- **Referências**

DIDAQUÊ: *O catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje*. São Paulo: Paulinas, 1989.

5.4.30 Suma Teológica

- **Notas de rodapé**

- a. **Forma longa**

TOMÁS DE AQUINO. *Suma teológica* I. q. 1. art. 10.

- b. **Forma breve**

Emprego a forma abreviada STh (do latim *Summa Theologiae*) com as abreviaturas indicadas acima:

STh I. q. 2. art. 5. 26.

- Referências**

TOMÁS DE AQUINO. *Suma teológica I*. São Paulo: Siqueira. 1946.

5.4.31 Direito Canônico para Igreja Latina

- **Notas de Rodapé**

Cita-se o cânon referido, com seu número (abrevia-se can. – sem acento). Quando necessário, indica-se também o parágrafo (§):

can. 27.
 can. 139 § 2.
 can. 266.

- Referências**

CÓDIGO de Direito Canônico. São Paulo: Loyola. 1992.

Observação: Quando o antigo Código, de 1917, é citado, usa-se a sigla “CIC 17”.

CIC 17 can. 27.

5.4.32 Direito Canônico para as Igrejas Orientais

- **Notas de Rodapé**

Cita-se a sigla CCEO (*Codex Canonum Ecclesiarum Orientalium*), seguida do cânone referido, com seu número (abrevia-se can. – sem acento). Quando necessário, indica-se também o parágrafo (§):

CCEO can. 22.
CCEO can. 215.
CCEO can. 270.

- **Referências**

CODEX Canonum Ecclesiarum Orientalium. *In Enchiridion Vaticanum*. Bologna: EDB. 1992. p. 5-1546.

5.4.33 Catecismo da Igreja Católica

- **Notas de Rodapé**

Cita-se a sigla CAT, com a passagem referida indicada pelo número marginal (n.):

CAT n. 1145.
CAT n. 1581.
CAT n. 2241.

- **Referências**

CATECISMO da Igreja Católica. Petrópolis: Vozes. 1993.

5.4.34 Missal Romano e demais Livros Litúrgicos

Por serem textos litúrgicos com mesmos conteúdos, independentemente das diferentes edições, é preferível citar a peça litúrgica em questão, sem necessidade das páginas.

- **Notas de Rodapé**

MISSAL Romano. Prefácio do III Domingo Comum.
MISSAL Romano. Oração eucarística de Reconciliação II.
LITURGIA das Horas. Hino das Laudes do Domingo Pascal.
PONTIFICAL Romano. Oração do Dia do Rito da Confirmação.

- **Referências**

MISSAL Romano. 2ª ed. São Paulo: Paulus; Petrópolis: Vozes. 2004.

PONTIFICAL Romano. São Paulo: Paulus. 2000.

5.4.35 Coleção Os Pensadores

Uma fonte de pesquisa filosófica frequentemente utilizada pelos estudantes de filosofia é a Coleção Os Pensadores. Seja por sua natureza de coleção, com seleções de texto e comentários de especialistas, seja por sua editoração peculiar, convém que se defina um formato padrão para quando for preciso referenciar algum dos seus volumes. A Faculdade Dehoniana opta pelo seguinte modelo.

- **Notas de Rodapé**

LOCKE, John. *Ensaio sobre o entendimento humano*. 1979. p. 71.

PLATÃO. *Banquete; Fédon*. 1983. p. 46.

BERGSON, Henri. “O Pensamento e o Movente”. In BERGSON, Henri. *Cartas, conferências e outros escritos*. 1979. p. 110.

- **Referências**

LOCKE, J. *Ensaio sobre o entendimento humano*. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural. 1979 (Os Pensadores).

PLATÃO. *Banquete; Fédon*. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural. 1983 (Os Pensadores).

BERGSON, Henri. “O Pensamento e o Movente”. In BERGSON, Henri. *Cartas, conferências e outros escritos*. São Paulo: Abril Cultural. 1979. p. 99-112 (Os Pensadores).

Observações: As introduções também são referenciadas, ao modo de texto inserido dentro de uma obra maior.

MACHADO, Lorival Gomes. “Introdução”. In *Rousseau*. São Paulo: Nova Cultural. 1999 (Os Pensadores, Volume 1).

CAPÍTULO VI – RECURSOS INDICATIVOS E SINAIS GRÁFICOS

6.1 Informações complementares obrigatórias nas referências

São obrigatórios os elementos que se referem a volume, coleção, monografia, dissertação ou tese, quando indicadas na obra.

6.1.1. Volume

FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: J. Olympio. 1943 (Vol. 2).

SCHNEIDER, Theodor (org.). *Manual de Dogmática*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes. 2012 (Vol. 1).

6.1.2. Coleção

BENTO XVI. *Carta encíclica “Caritas in veritate”*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas. 2009 (A voz do Papa 193).

6.1.3. Monografia, dissertação ou tese

SILVA, Roberto de Souza. *A existência de Deus em Duns Scotus*. Guarulhos: UNIFESP. 2014 (Dissertação de Mestrado em Filosofia – Universidade Federal de São Paulo).

6.2. Informações complementares obrigatórias nas notas de rodapé

6.2.1. Quando se trata de uma sigla ou abreviatura em uma obra sem “Lista de siglas e abreviaturas”

Há trabalhos que, devido ao seu gênero acadêmico (artigo científico, por exemplo), não possuem o elemento pré-textual “Lista de siglas e abreviaturas”. Assim, quando uma sigla surge no texto ela exige uma nota explicativa.

JOÃO PAULO II. *Carta encíclica “Ut unum sint” do santo padre João Paulo II sobre o empenho ecumênico*. 1995. n. 10 (a partir daqui: UUS).
FRANCISCO *Constituição Apostólica “Veritatis Gaudium” sobre as Universidades e Faculdades Eclesiásticas*. 2018. n. 6 (a partir daqui: VG).

6.3. Informações complementares facultativas nas referências

São opcionais as informações editoriais e técnicas que caracterizam especificamente a obra, mostrando sua distinção, origem ou valor. Alguns exemplos: fontes, documentos originais e variantes editoriais; pessoa ou instituição responsável pela seleção de textos, pela edição crítica ou pela coleção; outras se houver.

6.4. Recursos de substituição: *idem*, *ibidem* e *opus citatum*

As subseqüentes citações da mesma obra podem ser indicadas de forma abreviada. Para isso, dependendo o caso, podem ser adotadas as seguintes expressões latinas:

6.4.1. *Idem*: mesmo autor

Idem é um pronome latino equivalente ao nominativo neutro do masculino *isdem* (precisamente aquele) e do feminino *eadem*. Assim, *idem* significa “o mesmo, a mesma coisa”. É usado nas citações para indicar o mesmo autor da citação precedente. *Deve ser sempre grafado em itálico*.

¹ KASPER, Walter *A Igreja Católica: essência, realidade, missão*. 2012. p. 34.

² *Idem*. *Misericórdia: concetto fondamentale del vangelo – chiave dela vita cristiana*. 2013. p. 10.

6.4.2. *Ibidem*: mesmo lugar

Ibidem é um advérbio latino e tem o significado de “aí mesmo, neste mesmo lugar”. Quando empregado em citações, tem o sentido de “na mesma obra, capítulo ou página” previamente referenciados. *Deve sempre ser grafado em itálico.*

¹ LIBANIO, João B.; MURAD, Afonso. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. 1996. p. 23.

² *Ibidem*. p. 34.

6.4.3. *Opus citatum* ou *op. cit.*: obra citada

Não deve ser utilizado.¹⁹

6.5. Indicação de supressão de texto, de adição de texto e de erros gráficos

6.5.1. Supressão de texto

É um fenômeno comum em citações, dado que nem sempre se usa todo o conteúdo de um texto e que bastam alguns trechos da obra para que se possa entender o raciocínio do autor que está sendo usado ou a argumentação que está sendo construída. Nesses casos, usa-se colchetes com três pontos: [...].

Situação similar se dá quando se deseja, convenientemente e mantendo a honestidade intelectual, retirar um aposto do texto, apresentando apenas uma expressão mais enxuta da ideia. Uma terceira situação é quando uma mesma frase conta com mais de um período e há apenas a necessidade de usar um período, e não a frase toda.

Podemos [...] ampliar a nossa concepção do intelecto da seguinte maneira: é ele o campo no qual ocorrem palavras de dois tipos: nomes próprios e palavras secundárias. [...]¹.

¹ FLUSSER, Vilém. *Da dúvida*. 2018. p. 69.

¹⁹ O recurso do *opus citatum* era usado para evitar de repetir várias vezes uma mesma referência nas notas de rodapé. No entanto, ela era problemática por exigir do leitor que fique procurando, nas páginas anteriores, a qual obra se referia. Por isso, o *opus citatum* foi abandonado.

6.5.2. Adição de texto

Há casos em que se faz necessário adicionar alguma palavra ou alguma frase no corpo de uma citação literal, a fim de fazer entender melhor o que essa citação está afirmando. O mesmo acontece com pequenos comentários, necessários ao entendimento da citação e que não aparecem no desenvolvimento de um trabalho acadêmico, nem no rodapé, por ser coisa realmente breve. Para isso, usa-se, também, os colchetes com as adições dentro deles.

Se Deus existisse, tudo seria permitido [inverte o autor a frase de Dostoiévski], já que tudo teria ou sua recompensa ou seu castigo – caberia a cada um, então, assumir seus riscos. Ao contrário, é porque Deus não existe, portanto porque não há nenhum risco de nada [...] que não posso me permitir qualquer coisa¹.

¹ COMPTE-SPONVILLE, André. *Do corpo*. 2013. p. 47.

6.5.3. Erros gráficos

Quando se verifica algum erro gráfico no texto (ortografia, editoração, impressão etc.), não se pode simplesmente adulterá-lo com base em uma intuição pessoal ou em uma lógica de obviedade aparente. Nesses casos, o melhor a fazer é consultar outra edição do texto, se existir, e confirmar o sentido que está sendo dado pelo texto, mesmo que se opte por usar a edição com erro gráfico, por exemplo, porque ela é a melhor tradução de uma obra. Esse recurso serve para os neologismos utilizados pelos autores. Nessas situações, usa-se o *[sic]*, do latim *sicut*, significando “assim mesmo, dessa forma”.

Cidadão da Europa, resumindo em si a cultura humanista do tempo, [Francisco Sá de Miranda, escritor lusitano] foi portuguêsíssimo *[sic]* nos seus escritos, reduzindo todos os aspectos da vida nacional ao padrão da verdade clássica, feita de equilíbrio, simplicidade e continuidade¹.

¹ LAPA, Rodrigues. “Poesias de Sá de Miranda”. *apud* TAVARES, José Pereira. *Como se devem ler os clássicos*. 1941. p. 163-164.

6.5.4. Recurso de ênfase: uso do negrito ou itálico

Eventualmente, quando necessário, o estudante poderá dar ênfase ou destaque em uma parte do texto produzido. Para fazer isso, deverá marcar o texto em **negrito** ou *itálico* e colocar logo em seguida a indicação: [grifo nosso] ou [grifo do autor], quando o texto for marcado pelo seu próprio autor. Não se deve utilizar dois desses recursos ao mesmo tempo. Escolhido uma opção, deve-se manter ela até o fim do trabalho.

“Todas as ciências são consideradas por ela [pela teologia] como instrumentos, ou melhor, como **mediações** [...] no sentido de compreender mais plenamente as realidades da fé [grifo do autor]”¹.

“A mediação das ciências em teologia, particularmente das ciências sociais, **não substitui a mediação filosófica** [...] [grifo nosso]”².

¹ BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico: versão didática*. 2014. p. 67.

² *Ibidem*. p. 69.

6.6 Informações sobre tradução

De modo geral, para os cursos de bacharelado, não há a obrigatoriedade de se informar detalhes de tradução. O que, por outro lado, não exige o aluno de procurar se informar sobre a qualidade da tradução que usa para os seus trabalhos acadêmicos.

Nesse ponto, as orientações básicas são:

- Não é necessário informar dados de tradução, mas, se for fazê-lo, que se mantenha um padrão constante: que se informe os dados de tradução de todas as obras usadas.
- Em casos específicos, como quando o objeto material de um estudo é um texto específico (p. ex., a *Metafísica* de Aristóteles), é importante informar qual a tradução que está sendo usada, sem precisar informar a tradução das fontes secundárias (comentadores etc.) que se usam para a análise do texto-base. O que justifica essa necessidade de informação de tradução é a própria natureza do trabalho: o estudo de um texto, que não foi escrito originalmente em língua portuguesa e que, para ser bem analisado, exige uma boa tradução. Do contrário, poder-se-ia trair o sentido original do texto com uma semântica que não lhe pertence (outra época, outro contexto, outras mentalidades).
- Os dados de tradução são informados apenas nas referências, não no rodapé.

SARTRE, Jean-Paul. *A imaginação*. Porto Alegre. RS: L&PM, 2011 (L&PM Pocket, 666). Tradução de Paulo Neves.

✓ Quando a tradução é feita pelo próprio aluno, anota-se como “tradução própria”. Isso pode acontecer tanto na tradução de uma obra completa, aparecendo na referência, ou na tradução de um trecho específico, aparecendo, então, no próprio rodapé.

SEGUNDO, Juan Luis. *El Dogma que libera: fe, revelación y magisterio dogmático*. 1989. p. 15. Tradução própria.

6.7 Sinais Gráficos

Os sinais gráficos têm por função abreviar ou indicar pontos importantes de textos e autores para facilitar a compreensão dos leitores.

[...] – indica que, exatamente ali onde aparece, se saltou parte do texto intencionalmente

- o mesmo que n. (número)

& - et: em latim, “e”

// - paralelo; texto paralelo

CAPÍTULO VII – ABREVIACÕES E SIGLAS

7.1 Abreviaturas

- a.C. – antes de Cristo
- AT – Antigo Testamento
- c. – coluna
- cân. ou can. – cânon (este Manual adota a segunda forma, sem acento, cf. p. 68-69)
- cf. – confira
- d.C. – depois de Cristo
- dir. – Diretor
- dirs. – Diretores
- doc. – documento
- Dr. – doutor
- Dra. – doutora
- ed. – edição (significando as diversas edições da obra, a contar desde a segunda)
- Ed. – Editor
- Eds. – Editores
- Et alii ou et al. – e outros (usado para indicar que há mais de dois coautores em uma obra)
- f. – folha
- l. – linha
- ms. – manuscrito ou texto manuscrito
- MSc. – mestre e mestra
- n.d.t. – nota do tradutor
- n.d.e. – nota do editor
- NT – Novo Testamento
- org. – organizador
- orgs. – organizadores
- p. (antecedendo o algarismo) – página ou páginas (não se usa pp. para páginas, mas somente p.)
- passim* – aqui e lá, no texto
- séc. – século

[sic] – assim mesmo: quando a citação contém erro cometido pelo próprio autor ou por falha editorial

tb. – também

vol. – volume

vols. – volumes

7.2 Siglas próprias ao estudo de Teologia²⁰

7.2.1 Documentos da Igreja Católica

7.2.1.1. Edições típicas da Santa Sé

AAS *Acta Apostolicae Sedis*: Atos da Sé Apostólica, documentos do Papa e da Santa Sé a partir de 1909 (Vaticano).

ASS *Acta Sanctae Sedis*: Atos da Santa Sé, documentos do Papa e da Santa Sé de 1865 a 1908 (Vaticano).

AS *Acta Synodalia Sacrosancti Concilii Oecumenici Vaticani Secundi*: atos do Concílio Vaticano II (Vaticano).

7.2.1.2. Documentos do Concílio Vaticano II

AG *Ad gentes*, Decreto

AA *Apostolica actuositatem*, Decreto

CD *Christus Dominus*, Decreto

DV *Dei Verbum*, Constituição Dogmática

DH *Dignitatis humanae*, Declaração

GS *Gaudium et spes*, Constituição Pastoral

GE *Gravissimum educationis*, Declaração

IM *Inter mirifica*, Decreto

LG *Lumen gentium*, Constituição Dogmática

NA *Nostra aetate*, Declaração

OT *Optatam totius*, Decreto

²⁰ Texto atualizado em maio de 2020. Atenção! As siglas sempre são referenciadas, no rodapé, sem itálico.

- OE *Orientalium ecclesiarum*, Decreto
 PC *Perfectae caritatis*, Decreto
 PO *Presbyterorum ordinis*, Decreto
 SC *Sacrosanctum concilium*, Constituição Conciliar
 UR *Unitatis redintegratio*, Decreto

7.2.1.3. Documentos Pontifícios (Leão XIII – Leão XIV)

a. Documentos de Leão XIII

- ASa *Annum sacrum*, carta encíclica
 RN *Rerum novarum*, carta encíclica

b. Documentos de Pio XI

- MR *Miserentissimus Redemptor*, carta encíclica
 QA *Quadragesimo anno*, carta encíclica

c. Documentos de Pio XII

- DAS *Divino afflante Spiritus*, carta encíclica
 FD *Fidei donum*, carta encíclica
 HA *Haurietis aquas*, carta encíclica
 HG *Humani generis*, carta encíclica
 MDe *Munificentissimus Deus*, constituição apostólica
 MDei *Mediator Dei*, carta
 MCo *Mystici Corporis*, carta encíclica
 MSD *Musicae sacrae disciplina*, carta encíclica

d. Documentos de João XXIII

- ADS *Aeterna Dei sapientia*, carta encíclica
 APC *Ad Petri cathedram*, carta encíclica
 HS *Humanae salutis*, exortação apostólica
 MM *Mater et Magistra*, carta encíclica
 PPa *Princeps pastorum*, carta encíclica
 PT *Pacem in terris*, carta encíclica

e. Documentos de Paulo VI

- CM *Causae matrimonialis*, carta apostólica
 DI *Disserti interpretes*, carta
 DSC *De sacramento confirmationis*, constituição apostólica
 EN *Evangelii nuntiandi*, exortação apostólica
 ES *Ecclesiam suam*, carta encíclica
 ET *Evangelica testificatio*, exortação apostólica
 GD *Gaudete in Domino*, exortação apostólica
 HV *Humanae vitae*, carta encíclica
 IDC *Investigabiles divitias Christi*, carta apostólica
 LC *Laudis canticum*, constituição apostólica
 MC *Marialis cultus*, exortação apostólica
 MF *Mysterium fidei*, carta encíclica
 MMix *Matrimonia mixta*, carta apostólica
 OA *Octogesima adveniens*, carta apostólica
 PCB *Paterna cum benevolentia*, exortação apostólica
 PP *Populorum progressio*, carta encíclica
 SCoe *Sacerdotalis coelibatus*, carta encíclica
 SUI *Sacram unctionem infirmorum*, constituição apostólica

f. Documentos de João Paulo II

- APR *Aperite portas Redemptori*, bula
 ATF *Ad tuendam fidem*, carta apostólica
 CA *Centesimus annus*, carta encíclica
 CArt *Carta aos artistas*, carta
 CL *Christifideles laici*, exortação apostólica pós-sinodal
 CT *Catechesi tradendae*, exortação apostólica
 DD *Dies Domini*, carta apostólica
 DM *Dives in misericordia*, carta encíclica
 DeV *Dominum et vivificantem*, carta encíclica
 EA *Ecclesia in Africa*, exortação apostólica pós-sinodal
 EAm *Ecclesia in America*, exortação apostólica pós-sinodal
 EE *Ecclesia de eucharistia*, carta encíclica
 EV *Evangelium vitae*, carta encíclica

- FC *Familiaris consortio*, exortação apostólica
- FR *Fides et ratio*, carta encíclica
- IM *Incarnationis mysterium*, bula pontificia
- LE *Laborem exercens*, carta encíclica
- MCSE *Mistério e culto da santíssima eucaristia*, carta
- MD *Mulieris dignitatem*, carta apostólica
- MND *Mane nobiscum Domine*, carta apostólica
- NMI *Novo millennio ineunte*, carta apostólica
- OL *Orientale lumen*, carta apostólica
- PB *Pastor bonus*, constituição apostólica
- PDV *Pastores dabo vobis*, exortação apostólica pós-sinodal
- PG *Pastores gregis*, exortação apostólica pós-sinodal
- RD *Redemptionis donum*, exortação apostólica
- RH *Redemptor hominis*, carta encíclica
- RM *Redemptoris Mater*, carta encíclica
- RMi *Redemptoris missio*, carta encíclica
- SA *Slavorum apostoli*, carta apostólica
- SCh *Sapientia christiana*, constituição apostólica
- SD *Salvifici doloris*, carta apostólica
- SRS *Sollicitudo rei socialis*, carta encíclica
- TMA *Tertio millennio adveniente*, carta apostólica
- UUS *Ut unum sint*, carta encíclica
- VC *Vita consecrata*, exortação apostólica pós-sinodal
- VS *Veritatis splendor*, carta encíclica

g. Documentos de Bento XVI

- DCE *Deus caritas est*, carta encíclica
- SS *Spe salvi*, carta encíclica
- CV *Caritas in veritate*, carta encíclica
- VD *Verbum Domini*, exortação
- SCa *Sacramentum caritatis*, exortação

h. Documentos de Francisco

- AL *Amoris Laetitia*, exortação apostólica

GE *Gaudete et exsultate*, exortação apostólica

LF *Lumen fidei*, carta encíclica

LS *Laudato Si'*, carta encíclica

EG *Evangelii Gaudium*, exortação

QAm Querida Amazônia

FT *Fratelli tutti*, carta encíclica

7.2.1.4. Outros documentos da Santa Sé

AeN *Aetatis novae*, instrução pastoral do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais

CMis *Cooperatio missionalis*, instrução da Congregação para Evangelização dos Povos

CNos *Congregavit nos*, documento da Congregação para Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica

DA *Diálogo e anúncio*, do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso e Congregação para a Evangelização dos Povos

DCat Diretório catequético (diretório catequético geral), da Congregação para o Clero

DEc Diretório ecumênico (diretório para a aplicação dos princípios e normas sobre o ecumenismo), do Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos

DMis Diálogo e missão, do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso

DVit *Donum vitae*, instrução sobre o respeito à vida humana nascente e a dignidade da procriação, da Congregação para a Doutrina da Fé

ICME Instrução sobre o culto do mistério eucarístico, da Congregação dos Ritos

IGMR Instrução geral sobre o Missal Romano, da Congregação para o Culto e Disciplina dos Sacramentos

MRel *Mutuae relationes*, documento da Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares e Congregação para os Bispos

OFIR Orientações sobre a formação nos Institutos religiosos, da Congregação para Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica

SexH Sexualidade humana, verdade e significado: orientações educativas em família, do Pontifício Conselho para a Família

VFC Vida fraterna em comunidade, documento da Congregação para Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica

VCMis A vida consagrada e sua missão na Igreja e no mundo, mensagem do Sínodo dos Bispos

7.2.1.5. Documentos do CELAM

Rio *Documento do Rio de Janeiro*. Conclusões da I Conferência do Episcopado Latino-Americano

DMe *Documento de Medellín*. Conclusões da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano

DP *Documento de Puebla*. Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano

DSD *Documento de Santo Domingo*. Conclusões da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano

DAP *Documento de Aparecida*. Conclusões da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe

7.2.1.6. Documentos e estudos da CNBB

CNBB Doc. Documentos da CNBB, sigla seguida do número do documento

CNBB Est. Estudos da CNBB, sigla seguida do número do estudo

CNBB Or. Orientações da CNBB, sigla seguida do número da Orientação

7.2.2 Siglas próprias do estudo de Sagrada Escritura

ASV *American Standard Version*: versão americana padrão

BH Bíblia Hebraica

BHS *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*: bíblia hebraica, edição de *Stuttgart*

BJ *Bíblia de Jerusalém*: mediante tradução da *École Biblique de Jérusalem*

(Jerusalém – São Paulo)

Chouraqui Tradução de *La Bible*, de André Chouraqui (Paris – Rio de Janeiro)

KJ King James: versão histórica sob patrocínio do Rei James da Inglaterra

(London)

TEB Tradução Ecumênica da Bíblia: mediante tradução da *TOB - Traduction*

Oecumenique de la Bible (Paris – São Paulo)

LXX *Septuaginta*: tradução dos Setenta

7.2.3 Siglas próprias do estudo da Patrística

BAC Biblioteca de Autores Cristianos: coleção com várias obras patrísticas, entre outras (Madrid)

CChr *Corpus Christianorum*: coleção de Padres, Doutores e Místicos (Turnholt)

CChrCM *Corpus Christianorum Continuatio Mediaevalis*: autores medievais (Turnholt)

CChrSG *Corpus Christianorum Series Graeca*: autores gregos (Turnhout – Louvain)

CChrSL *Corpus Christianorum Series Latina*: autores latinos (Turnholt)

PG *Patrologia Graeca*, edição de J.P. Migne (Turnholt)

PL *Patrologia Latina*, edição de J.P. Migne (Turnholt)

SChr *Sources Chrétiennes*: coleção de Padres, Doutores e Místicos (Paris)

FChr *Fontes Christiani*: coleção de Padres e Doutores (Freiburg)

CPatr *Coleção Patrística*: coleção de Padres da Igreja (São Paulo)

Observação: algumas obras usam, com menor frequência, ML (Migne Latina) e MG (Migne Grega) para designar as edições PL e PG, respectivamente.

7.2.4 Documentação Ecumênica

BEM Batismo, eucaristia, ministério: Documento de Lima, 1982, do CMI.

EOe *Enchiridion Oecumenicum*: documentação ecumênica internacional.

DCDJ Declaração conjunta sobre a Doutrina da Justificação por graça e fé.

7.2.5 Periódicos de Documentação

Doc. Cath. *La Documentation Catholique* (Paris)

RDoc *Il Regno Documenti* (Bolonha)

RAtt *Il Regno Attualità* (Bolonha)

SEDOC *Serviço de Documentação* (Petrópolis)

7.2.6 Compêndios, *Enchiridion* e Coletâneas

BAC Biblioteca de Autores Cristianos: coleção de obras teológicas, patrísticas, místicas, jurídicas e pastorais (Madrid).

CFC *Conceptos Fundamentales del Cristianismo*: conceitos centrais da fé cristã (Barcelona); no Brasil: *Conceitos Fundamentais do Cristianismo* (São Paulo: Paulus).

DS *Denzinger-Schönmetzer, Enchiridion Symbolorum*: definições do magistério da Igreja Católica, dos primeiros séculos do cristianismo até nossos dias. (Freiburg; Barcelona)

EOe *Enchiridion Oecumenicum*: documentação ecumênica internacional (Bolonha)

Eva *Enchiridion Vaticanum*: documentos conciliares e outros, da Santa Sé (Bolonha)

FCat *A Fé Católica*, compêndio do magistério da Igreja, compilado por Justus Collantes (Madrid). Semelhante ao Denzinger, traduzido para o português e publicado no Brasil por Edições *Lumen Christi* (Rio).

MyS *Mysterium Salutis*: compêndio de dogmática histórico-salvífica (Einsiedeln – Petrópolis).

7.2.7 Coleções de Teologia

BdT Biblioteca de Teología: Ediciones Paulinas (Madrid)

BTC Biblioteca di Teologia Contemporanea: *Editrice Queriniana* (Brescia)

CTS *Corso di Teologia Sistemática: Edizioni Dehoniane di Bologna* (Bolonha)

CTSComp *Corso di Teologia Sistemática / Complementi: Edizioni Dehoniane di Bologna*, EDB (Bolonha)

FViv *Foi Vivante: Éditions Du Cerf* (Paris)

Gdt *Giornale di Teologia: Editrice Queriniana* (Brescia)

NST *Nuovi Saggi Teologici: Edizioni Dehoniane di Bologna*, EDB (Bolonha)

PensD *Pensar a Dios: Secretariado Trinitario* (Salamanca)

PensT Pensamento Teológico: Edições Paulinas (São Paulo)

T&L Teologia e Libertação: Editora Vozes (Petrópolis)

TeoH Teologia Hoje, coleção em vários volumes: Paulinas (São Paulo)

TeoS Teologia Sistemática: Edições Paulinas (São Paulo)

SXXI *Teología Siglo XXI: San Pablo* (Madrid)

V&I *Verdad e Imagen: Ediciones Sígueme* (Salamanca)

MyL *Mysterium Liberationis*: conceitos fundamentais de Teologia da Libertação (Madrid)

Simbólica Compêndio sistemático das profissões de fé católica e protestante, compilado por Johann Adam Möhler (Tübingen). Espécie de “Denzinger ecumênico”, dividido em capítulos e números marginais.

7.2.8 Outras coleções e/ou séries de manuais

Agape Série de obras sobre teologia trinitária, pelo “Secretariado Trinitario” de Salamanca.

Anámnesis Introdução histórico-teológica à Liturgia, série em 6 vols., dirigida por Salvatore Marsili: Paulinas.

Bereshit Coleção de estudos judaico-cristãos, por vários peritos: Imago.

Bihlmeyer Manual de História da Igreja, em 4 vols., dirigido por Karl Bihlmeyer e Hermann Tuechle: Paulinas.

Jedin *Manual de Historia de la Iglesia*, em vários tomos, dirigido por Hubert Jedin: Herder.

NHI Nova História da Igreja, coleção dirigida por L.J. Rogier, R. Aubert e D. Knowles: Vozes.

Paradigmas *Biblioteca de Ciencias de las Religiones*: Editorial Trotta

ReCid Série Religião e Cidadania, em 6 volumes: Editora Ática

ReCul Coleção Religião e Cultura, sobre ciências da religião: Paulinas.

SapF *Sapientia Fidei*: série de manuais de teologia, dirigida por Juan L. Ruiz de la Peña: BAC.

7.2.9 Dicionários, Enciclopédias, Léxicos e Vocabulários

DACL *Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne et de Liturgie*, dirigido por Henri Marrou: Letouzey et Ané Editeurs.

DCFT *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*, dirigido por Peter Eicher: Paulus.

DCTC *Dicionário de Ciências e Técnicas da Comunicação*, dirigido por Angel Benito: Paulus.

DdR *Dictionnaire des Religions*, dirigido por Paul Poupard: PUF.

DEB *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, dirigido por Van Den Born.

DER *Dicionário Enciclopédico das Religiões*, dirigido por Hugo Schlesinger e Humberto Porto: Vozes.

DEsp *Dicionário de Espiritualidade*, dirigido por Stefano De Fiores e Tullo Goffi: Paulus.

DFSB *Dicionário de Figuras e Símbolos Bíblicos*, dirigido por Manfred Lurker: Paulus.

DLit *Dicionário de Liturgia*, dirigido por Domenico Sartore e Achille Triacca: Paulus.

DMar *Dicionário de Mariologia*, dirigido por Stefano De Fiores e Salvatore Meo: Paulus.

DSp *Dictionnaire de Spiritualité*, dirigido por M. Viller, F. Cavallera, J. De Guibert, E A. Rayez, continuado por A. Derville, P. Lamarche e A. Solignac: Beauchesne.

DThC *Dictionnaire de Théologie Catholique*, dirigido por A. Vacant, continuado por E. Mangenot e É. Amann: Letouzey et Ané Éditeurs

DTDC *Dicionário Teológico O Deus Cristão*, dirigido por Xabier Pikaza e Nereo Silanes: Paulus.

DTeo *Dicionário de Teologia*, dirigido por Heinrich Fries: Loyola.

DTF *Dicionário de Teologia Fundamental*, dirigido por René Latourelle e Rino Fisichella: Vozes; Santuário.

DTI *Dizionario Teologico Interdisciplinare*, coordenado por Luciano Pacomio: Marietti.

DTM *Dicionário de Teologia Moral*, dirigido por Francesco Compagnoni, Giannino Piana e Salvatore Privitera: Paulus.

DTVC *Dicionário Teológico da Vida Consagrada*, dirigido por Aparicio Rodríguez e Joan Canals Casas: Paulus.

DSAC *Dicionário dos Símbolos, Imagens e Sinais da Arte Cristã*, dirigido por Gerd Heinz Mohr: Paulus.

DRC *Diccionario de Religiones Comparadas*, dirigido por S.G.F. Brandon: Cristiandad.

LdR *Léxico das Religiões*, dirigido por Franz König e Hans Waldenfels: Vozes

SaM *Sacramentum Mundi*, enciclopédia teológica dirigida por Karl Rahner: Herder.

VTB *Vocabulário de Teologia Bíblica*, dirigido por X. Léon Dufour: Vozes.

Observação: Nas referências, estes dicionários, léxicos e enciclopédias podem ser indicados pela sigla, antecedida de *In* (quando se cita um verbete), desde que isto não prejudique sua identificação.

7.2.10 Revistas Acadêmicas

ATeo	Atualidade teológica: PUC do Rio de Janeiro
ATR	<i>The Anglican Theological Review</i> : Evanston (Illinois, USA)
CarSt	<i>Caribbean studies</i> : Instituto de Estudios del Caribe / Universidad de Puerto Rico (San Juan)
CeF	Cultura e Fé, revista do Instituto de Desenvolvimento Cultural
CM	Comunicado mensal: CNBB
DeP	Direito e Pastoral
EnT	Encontros Teológicos: ITESC / FACASC
EsVie	<i>Esprit et Vie</i> : revista católica francesa de teologia e espiritualidade
F&V	<i>Foi & Vie</i> : Federação Protestante Francesa (Paris)
FyP	<i>Fe y Pueblo</i> : Instituto Superior Ecueménico Andino de Teología (La Paz)
Frag. Cult.	Fragmentos de Cultura: Universidade Católica de Goiás
GrS	Grande Sinal, revista de espiritualidade: ITF
Hor. Teol.	Horizonte Teológico: ISTA (Belo Horizonte) ITER – <i>Revista de Teología</i> : Instituto de Teología para Religiosos, Universidad Católica Andrés Bello (Caracas)
Persp. Teol.	Perspectiva Teológica: CES (Belo Horizonte)
TPSB	<i>The Princeton Seminary Bulletin</i> : Princeton Theological Seminary (Princeton)
RAtt	<i>Il Regno Attualità</i> : EDB (Bolonha)
RClar	<i>Revista de la CLAR</i> : CLAR (Bogotá)
R&C	Religião & Cultura: PUC de São Paulo (São Paulo)
RTL	<i>Revue Théologique de Louvain</i> : UCL (Lovaina)
RTM	<i>Rivista di Teologia Morale</i> : EDB (Bolonha)
RBB	Revista Bíblica Brasileira
RBT	Revista Brasileira de Teologia: Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (Curitiba)
RCB	Revista de Cultura Bíblica: LEB

RCT	Revista de Cultura Teológica: Pontifícia Faculdade de Teologia N. Sra. Da Assunção (São Paulo)
RDoc	<i>Il Regno Documenti</i>
RDT	Revista Dominicana de Teologia: EDT (São Paulo)
REB	Revista Eclesiástica Brasileira: ITF (Vozes)
ReF	Razão e Fé, revista interdisciplinar de teologia e filosofia
RevSC	<i>Revue des Sciences Religieuses</i> : Faculté de Théologie Catholique de Strasbourg
RIBLA	Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana
RivLit	<i>Rivista Liturgica</i> : Padova
Sel. de Teol.	<i>Selecciones de Teología</i> , revista de resenhas teológicas: Barcelona
SPV	<i>Spirito, Parola e Vita</i> : EDB (Bolonha)
SEDOC	Serviço de Documentação: ITF (Vozes)
TyV	<i>Teologia y Vida</i> : PUC de Santiago do Chile (Santiago)
Teocom.	Teocomunicação: PUC de Porto Alegre
TQ	Teologia em Questão: Faculdade Dehoniana
ThQ	<i>Theologische Quartalschrift</i> : Tübingen-München
VerD	<i>Verbum Domini</i>
ViaT	Via teológica: FTBP (Curitiba)
VPast	Vida Pastoral: Paulinas (São Paulo)
VEsp	Vida Espiritual: OCD (Bogotá)

Observação: Para revistas cujo título é constituído de uma única palavra, não é necessário utilizar sigla. Cita-se o título e demais referências, como antes indicado. É o caso das revistas *Apollinaris*, *Coletânea*, *Communio*, *Concilium*, *Convergência*, *Didaskalia*, *Ecos*, *Études*, *Gregorianum*, *Irenikon*, *Lateranum*, *Moralia*, *Proyección*, *Redes*, *Salesianum*, *Theologika*, *Theology*, *Trilhas*, *Vozes* e outras.

7.2.11 Entidades e organismos

ABNT	Associação Brasileira de Normas e Técnicas
ARCIC	Comissão Internacional Anglicano-Católica Romana (<i>Anglican Roman Catholic International Commission</i>)
ASTE	Associação de Seminários Teológicos Evangélicos (Brasil)
CBI	Comissão Bíblica Internacional (organismo da Santa Sé)

CCEE	Conselho das Conferências Episcopais Europeias
CDDH	Centro de Defesa dos Direitos Humanos
CED	Comissão Episcopal de Doutrina, da CNBB
CEDI	Centro Ecumênico de Documentação e Informação
CETEPAL	Centro de Estudos Teológicos e Pastorais para a América Latina
CEHILA	Centro de Estudos Históricos Latino-Americanos
CELAM	Conselho Episcopal Latino-Americano
CERIS	Centro de Estatísticas Religiosas e Investigação Social
CESE	Coordenadoria Ecumênica de Serviço
CESEP	Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular
CLAI	Conselho Latino-Americano de Igrejas
CLAR	Confederação Latino-Americana de Religiosos
CMI	Conselho Mundial de Igrejas
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CMCM	Comissão Mista Católico-Methodista (internacional)
CONAC	Comissão Nacional Anglicano-Católica (Brasil)
CONIC	Conselho Nacional de Igrejas Cristãs
CPT	Comissão Pastoral da Terra
CRB	Conferência dos Religiosos do Brasil
CTI	Comissão Teológica Internacional (organismo da Santa Sé)
ENCRISTUS	Encontro de Cristãos na Busca de Unidade e Santidade (Brasil)
EST	Escola Superior de Teologia da IECLB (São Leopoldo)
F&O	Comissão Fé e Constituição, do CMI (<i>Faith and Order</i>)
IAD	Igreja Assembleia de Deus
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IEAB	Igreja Episcopal Anglicana no Brasil
IECLB	Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil
IELB	Igreja Evangélica Luterana do Brasil
IM	Igreja Metodista
INPI	Instituto Nacional de Propriedade Industrial
IPB	Igreja Presbiteriana do Brasil
IPI	Igreja Presbiteriana Independente
IPRB	Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil
IPU	Igreja Presbiteriana Unida

ISSN	<i>International Standard Serial Number</i>
ISTA	Instituto Santo Tomás de Aquino, Belo Horizonte
ITESC	Instituto Teológico de Santa Catarina, Florianópolis
ITESP	Instituto São Paulo de Estudos Superiores, São Paulo (antes Instituto Teológico São Paulo)
ITF	Instituto Teológico Franciscano, Petrópolis
JeP	Comissão Justiça e Paz
JWG	Grupo Conjunto de Trabalho CMI-Igreja Católica Romana (<i>Joint Working Group</i>)
LEB	Liga de Estudos Bíblicos
MOFIC	Movimento de Fraternidade de Igrejas Cristãs
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
OSIB	Organização dos Seminários e Institutos Maiores do Brasil
PCC	Pontifício Conselho para a Cultura
PCDIR	Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso
PCF	Pontifício Conselho para a Família
PCUC	Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos
POM	Pontifícias Obras Missionárias
PUC	Pontifícia Universidade Católica
RCC	Renovação Carismática Católica
UISG	União Internacional de Superiores e Superiores Gerais

ANEXO I – O QUE É UM TEXTO AUTORAL?²¹

Ao iniciar mais um semestre letivo, indiquei aos meus alunos a tarefa de elaborar um “texto autoral”. Percebi, então, que alguns tinham dúvidas sobre o que isso significaria na prática. Quando, afinal, termina o plágio, a cópia, a similaridade e começa a autoralidade? Em tempos de pesquisa fácil na Internet é recorrente a tentação de copiar e colar modificando algumas palavras e tentando enganar os aplicativos farejadores de plágio. Já inseri, em minha rotina de professor, a avaliação dos textos por meio destes programas que vasculham toda a Internet procurando a fonte não citada. Em alguns casos, aparecem textos literalmente copiados. Nesses casos, não há dúvida: o aluno não é o autor e cometeu o delito acadêmico de utilizar meio fraudulento, de tomar para si a ideia do outro, de cometer a fraude do plágio, e deverá ser responsabilizado por esse ato. Esse é o chamado “plágio direto” e é muito fácil de identificar. Entretanto, o plágio não acontece apenas quando o aluno copia literalmente o texto ou parte do texto de outrem.

Por isso, nesta nossa reflexão, queremos abordar outra forma de delito, o chamado “plágio indireto”. As cópias estão ficando cada vez mais cuidadosas e elaboradas. Agora a forma mais frequente é a “paráfrase” de um ou mais textos recolhidos da internet. Alguns alunos até mesmo defendem que a elaboração de um texto “parafraseado” é legítima e não pode ser considerada plágio. Existem critérios objetivos para avaliar cada caso? Um aluno perguntou: “quanto por cento posso utilizar de uma fonte literal citando a origem?” Outro me indagou: “e se eu utilizar apenas a ideia recolhida na fonte e colocar com minhas palavras citando como ‘confira’, pode?”. Diante de tantas dúvidas resolvi indicar alguns elementos que deixem mais claro o que é autoralidade e quando um texto não pode ser aceito academicamente por não ter essa característica fundamental.

²¹ Texto para uso interno da Faculdade Dehoniana. Escrito por Dr. Pe. João Carlos Almeida, scj, professor da Faculdade Dehoniana e presidente da Mantenedora desta mesma instituição.

- a. Autoralidade não é o mesmo que originalidade. Exige-se originalidade total em uma pesquisa de doutorado e a parcial na dissertação de mestrado. Significa que não apenas o texto,
- b. mas aquela conclusão inédita da pesquisa é sua. Não se exige originalidade em um texto em nível de graduação. O aluno está aprendendo a ler e interpretar corretamente as fontes. Pode e deve utilizá-las, sempre citando. Mas o modo de construir o texto é do aluno-autor. As frases são dele. O título e a estrutura do texto também é dele. Pode até não ter nada de original, mas é autoral.
- c. Uma regra básica da autoralidade é sempre citar a fonte utilizada: literal ou em forma de confira (cf.). Mas existe um critério quantitativo para indicar quando estamos nos afastando da autoralidade e nos aproximando do plágio? Ainda que esse critério não seja absoluto, vai crescendo o consenso nas universidades em todo o mundo de que, quando um texto ultrapassa 3% de fontes externas, acende a luz amarela e esse texto começa a ser olhado com mais cautela, podendo até mesmo ser rejeitado por falta de autoralidade (para aprofundar: PITHAN, H. L.; BARCELOS, M. L. *Integridade na Pesquisa e propriedade Intelectual na Universidade*. Porto Alegre, RS: EdUPUCRS, 2016; Umberto Eco também fala disso em seu clássico *Como se faz uma tese*, São Paulo: Editora Perspectiva, 1996).
- d. O direito moral e patrimonial de um autor está protegido pela Lei 9.610/98, sobre propriedade intelectual. Ele pode ceder os direitos patrimoniais para uma “editora” que irá publicar seu texto e explorá-lo economicamente repassando-lhe uma porcentagem. Porém, o “direito moral” sobre a obra é inalienável, irrenunciável e imprescritível. O legítimo autor de um texto será sempre o autor daquele texto, mesmo para além de sua morte. As editoras sempre colocam uma cláusula de autoralidade nos contratos de cessão dos direitos patrimoniais. Ou seja, a responsabilidade é sempre daquele que se diz o autor. Por exemplo: “O CEDENTE declara ser o titular dos direitos autorais da OBRA objeto deste contrato, isentando a CESSIONÁRIA de eventual reivindicação de autoria”.
- e. Para construir um texto autoral, é preciso escolher definir o recorte temático expresso em um título e organizar a estrutura do texto definindo o encadeamento das ideias. O estilo do discurso é do próprio autor. É seu jeito de expressar o assunto, ainda que utilize ideias e até uma ou outra frase de outro (citando) para dar fundamento e peso moral ao seu texto. Caso seja uma frase de terceiro encontrada em uma fonte pesquisada, deve-se utilizar a referência “apud”.

f. Paráfrase pode? Existe um modo de pesquisa que vem se tornando recorrente em nossas academias e coloca em sério risco a autoralidade, pois estimula a preguiça mental, inibe a criatividade autoral e pode levar ao plágio. Vamos descrever em detalhes o que acontece na prática. O aluno recebe um tema para pesquisar. Antes de ir a livros, artigos, visitar a biblioteca, organizar as fontes e montar a estrutura do SEU texto, ele coloca no Google o tema e encontra um, ou mais textos (mosaico) muito próximos daquilo que o professor pediu, por exemplo: “A origem da medalha de São Bento”. Consideremos, por exemplo, a pesquisa sobre a origem da medalha de São Bento e a situação de o aluno encontrar o seguinte texto na Internet:

A origem da Medalha de São Bento é incerta, sabe-se que ela foi redescoberta em 1647, em Nattremberg, na Baviera. Por ocasião da condenação de algumas bruxas, que afirmaram não conseguir praticar qualquer tipo de feitiçaria ou encanto contra lugares em que houvesse a imagem desta medalha, em especial, na abadia de São Miguel, em Metten. Intrigados com o fato, as autoridades foram averiguar o que existia no mosteiro. Ao entrarem em uma das dependências, observaram entalhadas nas paredes imagens da medalha tal como são representadas hoje. Na biblioteca dessa mesma abadia, encontraram um manuscrito do ano de 1415, o qual continha, além de textos, ilustrações, sendo uma delas a de São Bento, com uma cruz e uma flâmula, com os versos da medalha: *Crux sacra sit mihi lux, non draco sit mihi dux. Vade retro satana, nunquam suade mihi vana. Sunt mala quae libas, ipse venena bibas.* Por esse motivo, estima-se que a origem da imagem da medalha situa-se no século XV. (Fonte: <https://www.msbento.org.br/origens> Acesso em 18.08.2020)

Não há nenhum problema em utilizar essa fonte, verificada a sua credibilidade e citando a origem. Mas, no caso da paráfrase que incorre em plágio indireto, o aluno prefere maquiagem o texto que fica assim.

Não se conhece ao certo a origem da Medalha de São Bento, apenas que foi redescoberta em 1647, em uma cidade da Baviera. Era um tempo em que se praticava a condenação das bruxas e algumas diziam que não conseguiam praticar seus feitiços contra lugares em que estivesse a imagem desta medalha. Isso aconteceu na abadia de São Miguel, em Metten. As autoridades do lugar ficaram curiosas e foram averiguar o que existia no mosteiro. Quando entraram em uma das dependências, encontraram a medalha entalhada nas paredes, como a conhecemos hoje. Na biblioteca foi encontrado um manuscrito de 1415, com a ilustração da medalha de São Bento com suas conhecidas frases em latim. Por isso, é possível datar a origem da medalha em torno do século XV.

Compare. Este não é um texto autoral. Não é preciso sequer pensar no sentido das frases para fazer o exercício mecânico de modificar o texto original. Agora vamos colocar o texto parafraseado em um farejador de plágio. Resultado: encontrou 1,7% de similaridade com o texto original e 1,25% e 1,11% em outras duas fontes, respectivamente. Comparando as três fontes percebe-se grande semelhança entre elas. Isso ocorre muito na Internet e geralmente acaba se tornando impossível identificar o autor original e os subprodutos em forma de cópia. Vamos aqui considerar original o texto que utilizamos para parafrasear. Eis o resultado. Em vermelho o farejador de plágio indica o que foi copiado.

Não se conhece ao certo a origem da Medalha de São Bento, apenas que foi redescoberta em 1647, em uma cidade da Baviera. Era um tempo em que se praticava a condenação das bruxas e algumas diziam que não conseguiam praticar seus feitiços contra lugares em que estivesse a imagem desta medalha. Isso aconteceu na abadia de São Miguel, em Metten. As autoridades do lugar ficaram curiosas e foram averiguar o que existia no mosteiro. Quando entraram em uma das dependências, encontraram a medalha entalhada nas paredes, como a conhecemos hoje. Na biblioteca foi encontrado um manuscrito de 1415, com a ilustrações da medalha de São Bento com suas conhecidas frases em latim. Por isso, é possível datar a origem da medalha em torno do século XV.

Estamos diante de um trabalho desprovido de autoralidade suficiente, pois utilizou toda a estrutura, as ideias e o encadeamento de frases do trabalho original. Se isso se verificar no trabalho todo, mesmo citando a fonte, não pode ser considerado um trabalho autoral. É uma mecânica paráfrase. No caso de um contrato de direitos autorais um “autor” que praticasse isso em um artigo ou livro poderia ser processado civil e criminalmente por plágio indireto. No caso de trabalho escolar, o aluno se coloca num território arriscado em que o professor pode rejeitar seu texto por falta de autoralidade ou até mesmo, em casos mais graves, acusá-lo de plágio indireto e enviar o caso para uma comissão para que verifique caso a caso, para ser julgado de acordo com os critérios previstos em regimento institucional. Portanto, não é confortável viver nessa situação limítrofe, por isso vamos indicar como podemos garantir com segurança que nossa texto será aceito academicamente.

A pergunta é: posso usar essa fonte da Internet de modo legítimo, mantendo minha autoralidade? Com certeza. Vamos ensaiar um texto autoral com uso da fonte citada:

Segundo o site oficial do Mosteiro de São Bento, em Brasília, a origem da Medalha de São Bento é mais recente que se imagina. Segundo essa fonte a medalha surgiu quase mil anos após a morte do santo. Afirmam ainda que existem diversas hipóteses de sua origem, todas em torno do século XV, na atual Alemanha. A gravura com as letras que remetem a frases em latim teriam sido encontradas em Nattremberg, na Baviera, nas paredes de uma antiga abadia. Existem muitas histórias em torno desse fato, porém o certo é que em um antigo manuscrito na biblioteca da abadia foi encontrada a gravura com a explicação das letras. Os

próprios beneditinos passaram a considerar essa medalha como um símbolo identitário para sua ordem (Cf. <https://www.msbento.org.br/origens> Acesso em 18.08.2020). Autor: Dr. Pe. João Carlos Almeida, scj.

Posso assinar legitimamente como autor do texto acima? Vamos perguntar ao farejador de plágio. Encontrou o texto original, devidamente citado e com 0,61% de similaridade:

Segundo o site oficial do Mosteiro de São Bento, em Brasília, a origem da Medalha de São Bento é mais recente que se imagina. Surgiu quase mil anos após a morte do santo. Existem diversas hipóteses de sua origem, todas em torno do século XV, na atual Alemanha. A gravura com as letras que remetem a frases em latim teriam sido encontradas em Nattremberg, na Baviera, nas paredes de uma antiga abadia. Existem muitas histórias em torno desse fato, porém o certo é que em um antigo manuscrito na biblioteca da abadia foi encontrada a gravura com a explicação das letras. Os próprios beneditinos passaram a considerar essa medalha como um símbolo identitário para sua ordem.

Esse é um texto autoral sem qualquer originalidade. Pode ser legitimamente apresentado por um aluno de graduação pois a estrutura do texto, o encadeamento das frases, as escolhas das ideias é do autor, apesar de tudo ter sido recolhido de um outro autor, devidamente citado em nome do seu “direito moral”. Mas lembre-se que a honestidade científica exige que, ao utilizar as ideias de outro, você dê claramente voz ao autor original. No caso acima ficou claro que o autor João Carlos Almeida está citando um texto recolhido do site do Mosteiro Beneditino de Brasília.

Portanto, em nível de graduação, a autorialidade de um trabalho acadêmico está mais no texto que nas ideias. É legítimo colher as ideias nas fontes, mas não é “legal” utilizar toda a estrutura e encadeamento de ideias do texto de outro, ainda que parafraseando habilmente. Podemos chamar isso de “intencionalidade autoral”. Mesmo utilizando as conhecidas sete notas musicais, você criou uma nova canção pela maneira com a organizou em sua sequência de tempos e tons. Você é o legítimo autor!

g. O universo da paráfrase que incorre em plágio indireto ainda tem outras formas, como é o caso da cópia de citações ou de indicação bibliográfica. Ocorre com frequência em TCCs que apresentam uma longa lista de livros na bibliografia, onde muitos foram literalmente copiados de outros trabalhos que nunca passaram pelas mãos do autor da monografia. Existem casos extremos em que todo o TCC é construído em base a outro que é habilmente parafraseado. O aluno segue não apenas a ordem das ideias, mas dos capítulos e itens, inserindo aqui e acolá algum elemento novo para disfarçar a sua cópia. É claro que isso ultrapassa o universo da paráfrase e caracteriza um plágio feito com intenção e dolo.

h. Recomendação final aos alunos-autores: Caso você encontre um texto na Internet que seja útil ou importante para a sua pesquisa e queira utilizar essa fonte sem o risco de produzir uma paráfrase que possa ser considerada um “plágio indireto”, aqui vão algumas dicas:

1. Sempre cite a fonte. Com isso, você elimina o maior risco de ser acusado de plágio.
 2. Se utilizar alguma frase ou expressão literal, coloque entre aspas e cite.
 3. Caso queira utilizar apenas as ideias do texto escolhido de maneira não literal, além de citar como “confira” (cf), valem algumas dicas do Massachusetts Institute of Technology tendo como intenção dizer as ideias de um outro com suas palavras, ou com seu estilo autoral: “trocar as palavras originais por sinônimos; mudar a estrutura da sentença (por exemplo invertendo os períodos); trocar a voz passiva para ativa e vice-versa; reduzir frases em alguns parágrafos; mudar algumas partes da narrativa original; apresentar a fonte utilizada” (KROKOSCZ, Marcelo. *Autoria e Plágio; um guia para estudantes, professores, pesquisadores e editores*. São Paulo: Editora Atlas, 2012, pág. 56).
 4. Procure encontrar o seu estilo pessoal, desenvolvendo seu potencial de “autor”.
 5. Para redigir um texto autoral é útil seguir os três passos clássicos: a) elaborar um esquema de redação; redigir uma “minuta do texto” sem utilização de fonte externa; c) inserir a documentação, fundamentação, textos externos etc; d) elaborar a redação final dando fluência a todo o texto com seu estilo pessoal.
 6. Para outros funciona melhor elaborar o esquema e gravar com sua voz o discurso para depois decupar e trabalhar a partir dele. Cada um encontrará seu método de autoralidade.
- i. Lembre-se que todo bom autor é um ótimo e assíduo leitor. Os grandes autores se formaram lendo outros. O hábito da leitura faz com que você perceba os estilos, as técnicas, as formas de dar ao texto um caráter autoral.
 - j. Um bom autor não nasce com essa característica; é preciso muito exercício para desenvolver um estilo pessoal. Lembre-se: quem é capaz de escrever uma página (3.500 caracteres) autoral está preparado para escrever um livro de 300 páginas. Poderá levar um ano para terminar, bastará escrever uma página por dia.
 - k. Não basta que não seja plágio direto ou indireto; é necessário que o texto seja seu!